



Universidade Federal da Bahia  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

**História da Passagem do Príncipe Umberto  
di Savoia por Salvador  
(Bahia, 1924)**

**Salvador  
2012**

# **História da Passagem do Príncipe Umberto di Savoia por Salvador (Bahia, 1924)**

Monografia apresentada para obtenção do  
grau de bacharel no curso de História da  
Universidade Federal da Bahia.

**Salvador  
2012**

# Resumo

Com uso da imprensa jornalística, ilustrada e outros documentos, esse trabalho trata da passagem do príncipe herdeiro da coroa italiana Umberto di Savoia por Salvador, em julho e setembro de 1924, e interpreta o significado da escolha da capital baiana para hospedá-lo e do tipo de recepção que as autoridades do estado fizeram ao visitante. Quanto àquela escolha, apresenta a visita como um marco na história política da Bahia na I República, ao destacar como o estado e suas elites, em contraste com o governo federal e seus aliados, entravam numa fase de estabilização de sua política, a partir de um controle mais efetivo de uma facção da elite sobre as demais. Quanto à recepção, procura mostrar que o governo da Bahia e parte de suas elites apresentaram a Umberto a imagem da Bahia como uma terra hospitaleira, nobre e antiga.

**Palavras-chave:** Bahia; política; federalismo; tenentismo; Primeira República.

# Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>Cap. I: A viagem de Umberto e os <i>italiani all'estero</i>.....</b>	<b>12</b>
Um príncipe em excursão.....	13
Umberto e os <i>italiani all'estero</i> .....	17
Umberto e o aceno da Itália.....	18
<b>Cap. II: A visita de Umberto e os acontecimentos de 1924.....</b>	<b>25</b>
Reação da Bahia à revolta.....	26
Presença de Umberto em julho.....	29
O segundo adiamento.....	30
O significado dos adiamentos.....	32
<b>Cap. III: Os eventos públicos da recepção.....</b>	<b>36</b>
A estadia de julho.....	38
A segunda visita e o envio do <i>São Paulo</i> .....	40
Preparativos da recepção.....	47
A chegada dos visitantes.....	51
O cronograma.....	55
<b>Cap. IV: Os eventos reservados da visita.....</b>	<b>62</b>
Um príncipe na Bahia.....	63
Banquetes e passeio na baía .....	65
Cerimônia no Carmo.....	68
Mobiliário nobre.....	70
No Aclamação.....	74
<b>Conclusão.....</b>	<b>76</b>

## Introdução

A partir de março de 1924, com a saída de J. J. Seabra e a posse de Góis Calmon no governo da Bahia, as elites políticas do estado entram numa nova fase de sua história política na I República. Esta fase caracterizou-se por uma maior unidade entre as facções que a compunham, o que as tornou mais aptas a participar das disputas políticas do federalismo brasileiro da época.

O grupo integrado por Góis Calmon era, no momento em que ele assume o poder, constituído basicamente por dois subgrupos compostos ao redor das lideranças de Miguel Calmon (presumível herdeiro de Rui Barbosa e que se tornara, em 1922, ministro da Agricultura de Artur Bernardes) e Aurelino Leal, homem também próximo ao presidente e que assumira a chefia de polícia e o governo do Rio de Janeiro na intervenção federal contra Nilo Peçanha e seus aliados. Além deles, integravam o grupo deputados e senadores que haviam, em sua maioria, sofrido longo ostracismo político durante os dois governos de Seabra (1912-1916 e 1920-1924) e o de seu aliado Antônio Moniz (1920-1924): Antônio Calmon (irmão de Góis e de Miguel), Pedro Lago, Simões Filho e os irmãos Mangabeira, João e Otávio.<sup>1</sup> Com Góis Calmon no governo do estado, o situacionismo tendeu a se organizar em três correntes políticas distintas: uma liderada pelos irmãos Calmon, principalmente o ministro Miguel; outra pelos irmãos Mangabeira, principalmente Otávio; e uma terceira formada por ex-seabristas organizada sob chefia de Frederico Costa, presidente do senado estadual baiano.<sup>2</sup>

Com essas facções no poder, a Bahia entrou numa significativa fase de domínio político de um só partido, primeiramente pela Concentração Republicana da Bahia (CRB), porém ainda um tanto dividida entre as lideranças citadas, e depois pelo segundo Partido Republicano da Bahia (1927), na verdade uma reorganização da CRB, com a inclusão definitiva do ex-seabristas.<sup>3</sup>

Antes, a política baiana foi marcada por constantes cismas que se tornaram mais frequentes a partir do governo José Gonçalves (1890-1891), quando dificilmente poderosos políticos, tais como José Marcelino, Severino Viera ou mesmo Rui Barbosa e Seabra, conseguiram impor sua liderança à diversidade de interesses das diferentes

---

<sup>1</sup> Sampaio, Consuelo Novais, *Partidos políticos na Bahia da Primeira República*. Salvador, Editora da Ufba, 1998, p. 177.

<sup>2</sup> Pang, Eul-Soo Pang, *Coronelismo e Oligarquias 1889-1934*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979. op. cit., p. 194.

<sup>3</sup> Sampaio, Consuelo Novais, *Partidos Políticos da Bahia na Primeira República*. p. 200.

correntes partidárias do estado, o que se expressava, inclusive, na existência de regiões distintas dentro do grande território baiano. Para Consuelo Novais Sampaio, tais dificuldades se explicam pelos insucessos da “política da acomodação”, constantemente tentada naquele momento, mas prejudicada pelo fato de organizar-se em torno de personalidades, ao invés de programas ou estruturas partidárias sólidas. Isso determinava, em suas palavras, “a fluidez do comportamento político”, o “trânsito livre dos membros de um partido a outro”, “as dissensões e as fusões partidárias”. Não por acaso, ao longo da I República, na Bahia, verificou-se a fundação de várias organizações partidárias.<sup>4</sup>

Portanto, apesar da influência de nomes como Rui Barbosa e Seabra, bem como da relativa importância econômica de sua economia no contexto brasileiro durante a I República, a Bahia viu comprometido o seu desempenho nas disputas entre os estados brasileiros por influência política e captação de recursos federais. Entretanto, no período que vai de 1924 a 1930 e que abarca os governos de Góis Calmon (1924-1928) e Vital Soares (1928-1930), a Bahia e suas elites políticas fortaleceram-se a partir da constituição, no plano interno, de acordos políticos que limitaram às estruturas da CRB e do segundo PRB as disputas grupais e rivalidades personalistas, evitando que as mesmas se tornassem públicas e afastando de cena as frequentes cisões que, até então, foram um traço característico da política baiana.<sup>5</sup>

Ao passo que se dá esse processo no âmbito estadual, cresceram, sobretudo a partir do final do governo Epitácio Pessoa – que coincide com a emergência de novos atores na cena política brasileira, tais como o operariado, as classes médias urbanas e os suboficiais do Exército – a crítica ao caráter oligárquico do sistema político brasileiro e as atividades de um tipo de militância dificilmente absorvida pelos partidos republicanos tradicionais: o tenentismo.

Em julho de 1924, o príncipe Umberto di Savoia (príncipe do Piemonte e herdeiro da coroa italiana) fez uma viagem à América do Sul e foi, no Brasil, recebido em Salvador. Os fatos que determinaram a exclusão do Rio de Janeiro e de São Paulo da rota de sua viagem e, conseqüentemente, levaram à inclusão de Salvador, ligam-se diretamente aos dois contextos descritos acima, isto é, o começo da estabilização

---

<sup>4</sup> Sampaio, Consuelo Novais, *Partidos políticos na Bahia da Primeira República*. Salvador, Editora da UFBA, 1998; p. 49.

<sup>5</sup> Sobre as exportações baianas na I República, ver: Jancsó, István. As Exportações da Bahia Durante A República Velha. In: Frederic Mauro (org.), *L'Histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930*. Paris, CNRS, 1973, p. 335-359.

política da Bahia e a continuação da oposição radical e militar às práticas oligárquicas do regime, através, agora, da crítica ao governo Artur Bernardes. Se às autoridades federais e paulistas o adiamento da visita de Umberto ao Rio de Janeiro e a São Paulo levou a constrangimentos e frustrações, ao governo da Bahia e parte de suas elites a inclusão de Salvador proporcionou visibilidade ao estado, notadamente ao governador e à família Calmon. Assim, ao distinguir Salvador do Rio de Janeiro e de São Paulo (epicentros, em 1924, de um turbulento cenário político), a visita de Umberto destacou como a Bahia iniciava uma fase nova em sua história política, marcadamente diferente dos últimos 35 anos. Daí o interesse em estudar a vinda do príncipe: ela constitui um marco de um novo momento na história da Bahia.

Para realizar esse trabalho, foi consultada principalmente a imprensa, através dos jornais *A Tarde*, *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias*, *O Democrata* e o *Diário Oficial do Estado da Bahia*, depositados na Seção de Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Essa seleção resultou do interesse em encontrar múltiplas vozes em torno da recepção a Umberto. O *A Tarde* e o *Diário da Bahia* (de propriedade dos deputados federais Simões Filho e Geraldo Rocha, respectivamente) representariam a voz do grupo que apoiava os governos federais e estaduais; O *Diário Oficial do Estado da Bahia* representaria a própria voz oficial do governo, com a transmissão das comunicações trocadas entre o governo federal e o estadual; Já *O Democrata* (órgão do seabrista Partido Republicano Democrata) e o *Diário de Notícias* (dirigido por Altamirando Requião) representariam, a princípio, parte da oposição seabrista e, portanto, poderiam ser veículos de críticas à recepção preparada pelo governo. Como veremos, porém, tais jornais não desempenharam, no contexto da visita, uma posição dissidente, o que pode ser um início de que, naquele momento, não militavam na oposição como foi esperado quando foram selecionados os jornais para a pesquisa. Também a oposição seabrista teve o *Correio do Povo* fechado por ocasião das medidas repressivas tomadas pelo governo do estado logo após o levante tenentista de São Paulo, em julho de 1924.

Alguns exemplares de revistas ilustradas editadas no Rio de Janeiro, como a *Revista da Semana*, *O Malho* (da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional), *Selecta* e *Ilustração Brasileira* (BPEB) foram consultados para se ter uma noção da expectativa e da frustração em torno da iminente chegada de Umberto à cidade e, posteriormente, do cancelamento da visita. Também interessou averiguar a repercussão na capital federal das homenagens a Umberto, realizadas em Salvador. Também foi consultado o

exemplar de 1924 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, com alguns textos dedicados à visita de Umberto.

Outra fonte pesquisada foram as cartas do Fundo Góis Calmon, do Arquivo Público do Estado da Bahia, e do Centro de Memória da Bahia, da Biblioteca Pública dos Barris. Também foi empregada uma coleção de fotografias do Fundo Artur Bernardes do Arquivo Público Mineiro e “O Príncipe Herdeiro da Itália em Terras do Brasil”, filme de caráter jornalístico sobre a visita, produzido por Augusto Botelho e postado no site da Cinemateca Brasileira.

Cabe mencionar também a consulta que fizemos ao catálogo do Museu de Arte da Bahia (produzido pelo Banco Safra) e a visita *in loco* àquela instituição, para localizar as peças da Coleção Góis Calmon ali resguardadas e com as quais o governador, num gesto altamente significativo, mobiliou os aposentos do Palácio da Aclamação (sede do governo) destinados ao ilustre visitante.



## Capítulo I: A viagem de Umberto e os *italiani all'estero*

As duas passagens do príncipe Umberto di Savoia por Salvador em julho e setembro de 1924, eram parte de uma viagem maior, a bordo dos couraçados *San Giorgio* e *San Marco*, a quatro países da América do Sul – Uruguai, Argentina, Chile e Brasil – e programada desde maio daquele ano, pelo menos.<sup>6</sup> Devido à situação de insegurança causada em São Paulo e no Rio de Janeiro pelas rebeliões dos tenentes (4 de julho), o cronograma sofreu, em meio a certo constrangimento diplomático, importantes alterações.<sup>7</sup>

A primeira modificação ocorreu em julho, quando a esquadra já singrava os mares, e excluía a capital brasileira e conseqüentemente São Paulo do roteiro da viagem de ida, ficando adiadas para setembro (quando do retorno do Prata) as festividades que se preparavam no Rio de Janeiro e São Paulo para a recepção ao príncipe.

Entretanto, uma jornada sem escalas em porto brasileiro entre Dakar, última parada da esquadra italiana após o Mediterrâneo, até Montevideu ou Buenos Aires, primeiros portos fora do Brasil, mostrava-se inconveniente devido ao tempo exigido para sua realização e à necessidade de abastecimento de carvão e água dos dois navios, que embora possuíssem autonomia, não fariam tão longo percurso confortavelmente. Por outro lado, a conversão de Santos no centro de operações da armada brasileira contra os revoltosos de São Paulo, acompanhada da concentração em seu porto de poderosos navios de guerra, do desembarque de tropas para lutar na capital, tornava delicado receber ali a tripulação italiana.<sup>8</sup> Os portos de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, além de excessivamente distantes, não eram seguros devido à proximidade do epicentro da revolta e à desconfiança do governo federal de que a sedição de São Paulo tinha ramificações naquela região. Por sua vez, as capitais ao norte de Salvador, eram, talvez, excessivamente setentrionais (o que colocava em risco a

---

<sup>6</sup> Infelizmente, não foi encontrada informação detalhada sobre o início das negociações para a vinda de Umberto à América do Sul, nem na Itália nem no Brasil. Em 14 de maio de 1924, o jornal espanhol “ABC”, título de periódico em itálico de Madrid, publicou informação de que o evento se daria em julho daquele ano, mas refere-se ao mesmo com tendo sido já anunciado antes. ABC. “Resumen Telegráfico del Extranjero”. Madrid. 14/5/24. p. 25. Disponível em: <hemeroteca.abc.es>. Acesso em: 29/6/12.

<sup>7</sup> Calzans, José. *Miguel Calmon Sobrinho e sua época: 1912-1967*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal. 1991.

<sup>8</sup> *Diário Oficial da União*. “Marinha: movimentos subversivos”. Rio de Janeiro. 4/5/25. p. 10365. Disponível em: <www.jusbrasil.com.br/noticias>. Acesso em: 17/7/12.

eficiência do abastecimento) e, mais concretamente, ameaçadas pela rebelião do 28º Batalhão de Caçadores de Aracaju, ocorrido em solidariedade aos revoltosos de São Paulo quando Umberto já se aproximava da costa do Brasil. Portanto, Salvador mostrava-se, naquela hora, como um ponto seguro e equilibrado entre capitais excessivamente próximas dos pontos de partida e de chegada da esquadra, além de contaminadas pela intranquilidade irradiada a partir de São Paulo e Aracaju.

De Salvador, previam as autoridades, Umberto seguiria diretamente para Buenos Aires, onde permaneceria entre 6 e 30 de agosto, visitando o Chile nesse intervalo. Em seguida, partiria de Buenos Aires para a vizinha Montevideú, onde fundearia no dia 5 de setembro. Finalmente, a esquadra o levaria ao Rio de Janeiro, onde permaneceria entre 9 e 24 de setembro, numa longa estadia, sem dúvidas, talvez porque se cogitasse uma visita a São Paulo, caso as condições permitissem.<sup>9</sup>

Entretanto, a permanência da situação de intranquilidade no Rio, com atentados a bomba e circulação de tenebrosos boatos, como se verá, levou o governo federal e a embaixada italiana, em conjunto, a adiarem novamente a visita às duas metrópoles brasileiras, dessa vez sem marcar nova data.<sup>10</sup> Decidiu-se depois pela re-inserção da Bahia no programa da viagem, anunciando-se agora recepções oficiais com o envio a Salvador, a bordo do moderno couraçado brasileiro *São Paulo*, do chefe da Embaixada italiana no Brasil, o marechal Pietro Badoglio, e do ministro das Relações Exteriores, o piauiense Félix Pacheco.<sup>11</sup>

### **Um príncipe em excursão**

Herdeiro do trono italiano e com apenas 19 anos de idade, Umberto realizava, como representante oficial da Itália, uma de suas primeiras missões políticas no exterior após ter acompanhado nos meses precedentes os reis da Itália Vittorio Emanuele III e Elena de Montenegro em visita oficial à Inglaterra e à Espanha.<sup>12</sup>

O périplo tinha, além disso, fins de estudos ligados à preparação a que o futuro rei da Itália era submetido desde criança. Era uma educação criteriosa, em cujos estágios primários foi importante a geografia, que nele despertou a curiosidade pela formação

---

<sup>9</sup> *A Tarde*. “A Viagem do Herdeiro do Trono”. Salvador. 24/7/24. p. 4.

<sup>10</sup> *Diário Oficial da União*. “A Visita do Príncipe Herdeiro do Trono Italiano”. Rio de Janeiro. 2/9/24. p. 19365 e 19366. Disponível em: <www.jusbrasil.com.br/noticias>. Acesso em: 17/7/12.

<sup>11</sup> *Diário de Notícias*. “O Príncipe tocará na Bahia em caráter oficial”. Salvador. 5/9/24.

<sup>12</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Príncipe Umberto di Savoia”. Salvador. 12/9/24. p. 7164. ABC. “Grata Visita Regia”. Madrid. 6/6/24. p. 9. Calazans, José. *Miguel Calmon Sobrinho e sua época: 1912-1967*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal, 1991.

geográfica e política do mundo, bem como o gosto por viagens através dos países e, sobretudo, no interior do império Italiano, então composto de ilhas no Mediterrâneo e possessões na África, tais como a Eritréia, a Abissínia e a Líbia. Havia pouco tempo, inclusive, uma viagem de instrução o levara ao Mar do Norte, onde navegara pelas costas sueca, dinamarquesa e norueguesa, além de ter penetrado os canais dos Países Baixos. Em fase mais adiantada, o príncipe recebeu aulas e lições em humanidades – com destaque para línguas – e em direito.<sup>13</sup>

A área mais importante dos estudos do príncipe do Piemonte era, porém, dada pela tradição militar da dinastia Savoia, tão assinalada nos vídeos e fotografias da época. Nas imagens, o rei Vittorio sempre aparece envergando uniforme do exército italiano (às vezes, sabre e capa), exibindo patentes nos punhos, ombros e colarinho, além de medalhas e condecorações no peito esquerdo. Por sua vez, Umberto surge, em diferentes idades (às vezes apenas uma criança), posando em cenas tanto domésticas (em companhia do pai, da mãe e das irmãs) quanto públicas (ao lado de companheiros e comandantes da caserna), trajando roupas semelhantes a uniformes e fardamentos indicativos de sua contínua ascensão na estrutura militar (ver as fotos 1 e 2).<sup>14</sup> Noutra foto, muito significativa, destaca-se um carro deslocando-se dentro dum corredor humano formado por adolescentes em uniformes militares: transportava Umberto em viagem às cidades italianas após sua entrada oficial como herdeiro na vida pública, isto é, sua incorporação ao Primeiro Regimento de Granadeiros da Sardenha.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Príncipe Umberto di Savoia”. Salvador. 12/9/24. p. 7164. *ABC*. “El Viaje a América Del Príncipe de Piamonte”. Madrid. 11.6.24. p. 13. Disponível em: <hemeroteca.abc.es>. Acesso em: 6/6/12. *ABC*.

<sup>14</sup> Ver o filme “State Visit of King of Italy 1924”, sobre a visita dos monarcas italianos à Inglaterra, disponível em: <www.britishpathe.com>. Acesso em: 29/6/24; e as fotografias publicadas nas seguintes revistas: *Ilustração Brasileira*, nº 48, ano 5, agosto de 1924. p. 10 e ss.; *Revista da Semana*, nº 37, ano 25, setembro de 1924. p. 12 e ss.

<sup>15</sup> *Paratodos*, nº 299, ano 6, setembro de 1924, p. 1.



1 e 2 – Essas duas fotos expressam perfeitamente o militarismo em que os membros da Casa Real italiana eram formados. Veem-se, respectivamente, o rei Vittorio Emanuele III e o príncipe Umberto di Savoia (ainda criança) rigorosamente fardados com o uniforme do exército italiano. Esse caráter da dinastia Savóia foi registrado em outras fotografias menos expressivas e que circularam antes da vinda de Umberto ao Brasil.

A preparação intelectual de Umberto para assumir a chefia da Casa Real italiana era bem marcada por essa perspectiva. Encerrados os estágios descritos acima, deu-se início, mediante entrada na Escola Naval de Módena, à sua introdução no universo da vida, das ciências e das tecnologias militares propriamente ditas. Embora começasse esse nível como simples soldado, o ascenso do príncipe ao comando era, é claro, garantido por sua origem e destinação política.<sup>16</sup>

Os seus passos nesse e noutros campos eram, além disso, acompanhados de perto pelo velho Almirante Atilio Bonaldi, um dos mais prestigiados da Itália. Professor catedrático de Astronomia, Hidrografia e Náutica na Escola Naval de Livorno, Bonaldi foi o primeiro comandante de submarinos em seu país, tendo dedicado parte de sua vida ao aperfeiçoamento dessa inovadora arma de guerra. Tempos depois, foi nomeado, diretamente pelo rei, *governatore* do príncipe, isto é, preceptor e responsável por sua segurança pessoal.<sup>17</sup> Já por aí, nota-se que, inspirada em seus antepassados, a monarquia esperava de Umberto que fosse, além de culto e elegante, um chefe militar.

---

<sup>16</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Príncipe Umberto di Savoia”. Salvador. 12/9/24. p. 7164.

<sup>17</sup> Embora fosse apenas um cadete ao tempo da vinda ao Brasil, previa-se que Umberto, dentro de dois anos, assumiria o comando de um dos regimentos do exército italiano. Ver: *O Democrata*. “Sua Alteza Real, o Príncipe de Savoia”. Salvador. 13/9/24. p. 7164. Sobre Bonaldi, ver: *ABC*. Madrid. 11/6/24. “El

Por essa razão, era também Bonaldi o encarregado tanto da excursão de Umberto ao Mar do Norte quanto da esquadra que em 1924 o transportava para a América do Sul. Para isso, tinha autoridade sobre os respectivos comandantes do *San Giorgio* e do *San Marco*.

A excursão de julho a setembro, através do Atlântico Sul, proporcionaria a Umberto uma experiência inicial em diferentes áreas de sua formação militar. A começar pelo meio de transporte, dois navios de guerra da marinha italiana transportando 12 toneladas cada um, que arrancariam vários elogios dos jornalistas e seriam o orgulho de parte dos imigrantes e descendentes de italianos do Brasil. Pelo destaque que tiveram nas fotografias, na filmografia e nos jornais, não há dúvida de que o *San Giorgio* e o *San Marco* foram, da história daquela viagem, dois dos mais importantes personagens. Além de conferir o desempenho daquelas máquinas de guerra em pleno funcionamento, o príncipe do Piemonte passaria um longo período de tempo convivendo apenas com militares, isto é, os 1600 oficiais, sub-oficiais e marujos tripulantes dos dois navios. Para completar, todos estavam sob a chefia do seu preceptor, um marinheiro com amplo conhecimento e experiência na ciência náutica e na astronomia, como visto acima.<sup>18</sup>

Do mesmo modo, a divisão real passaria por diversos acidentes geográficos (alguns nunca vistos por Umberto) históricos ou politicamente estratégicos, tais como o Estreito de Gibraltar, o portal do Mar Mediterrâneo, ligando o sul da Espanha ao Marrocos; a Baía de Todos os Santos e a longa costa brasileira; a Foz do Rio da Prata, área de influência de Buenos Aires e Montevideú, além de conexão do Paraguai com o Oceano Atlântico; e a célebre Cordilheira dos Andes, entrecortada por Umberto e comitiva em viagem de trem a Santiago do Chile.

Entretanto, o móvel da excursão italiana não foi alvo de explicações detalhadas por parte da imprensa soteropolitana ou carioca a que tivemos acesso. As referências mais próximas do que seria uma explicação falam dos vínculos de “raça” e “civilização” que uniam aquelas nações à Itália, berço da latinidade, associando a visita com a ideia de reconhecimento mútuo e fraternidade. Noutros momentos, menciona-se a existência de grandes comunidades de imigrantes italianos e descendentes “laborando” naqueles

---

Viaje a América Del Príncipe de Piamonte.” p. 13. Disponível em: <hemeroteca.abc.es>. Acesso em: 6/6/12. ABC.

<sup>18</sup> A *Tarde*. “Está na Bahia o futuro rei da Itália”. Salvador. 26/7/24. p. 1. *Diário de Notícias*. “Um telegrama a sua majestade Vitorio Emanuel”. Salvador. 16/9/24. p. 1.

países, sugerindo o desejo mútuo de expressar gratidão dos anfitriões diante dos visitantes e vice-versa.

### **Umberto e os *italiani all'estero***

Esse último aspecto, apesar de se apresentar em termos pouco elucidativos, toca no fator que deu o tom político ao acontecimento, o qual, envolvendo diplomacia, circunscrevia também o aprimoramento da formação de Umberto e sua iniciação na vida pública, mas ia além ao englobar interesses mais amplos.

Esse fator era a existência nos países visitados de numerosas comunidades de italianos e descendentes, isto é, os *italiani all'estero* (italianos do estrangeiro). Como se sabe, por diversos fatores, a Itália foi um dos países europeus que mais exportou mão de obra para o exterior. Segundo João Fábio Bertonha, numa primeira fase (1870-1900), 5.200.000 italianos deixaram o seu país de origem; nos 15 anos seguintes, mais 8.700.000 partiram; e, nos anos 20 e 30, foi a vez de outros 3.000.000. Mesmo levando em consideração toda a complexidade dessa enorme corrente imigratória e tendo como recorte o período 1846-1932, é possível dizer que a preferência dos italianos recaiu, entre os continentes, sobre a Europa, seguida de perto pelo americano; neste, os Estados Unidos foram o principal destino, enquanto na América Latina preferiu-se a Argentina e, em segundo lugar, o Brasil. Neste país, graças sobretudo à escolha dos governos imperiais e republicanos, às suas condições climáticas e econômicas, São Paulo foi o estado onde tais imigrantes se concentraram. Só entre 1850 e 1920, por exemplo, entraram em seu território mais de 1.000.000 deles.<sup>19</sup>

Em maio de 1924, o senado norte-americano, seguindo tendência prenunciada em medidas anteriores, aprovou uma lei restritiva à entrada de imigrantes indesejáveis no país, inclusive europeus católicos como os italianos. Tratando do assunto, Camilo Cianfarra, correspondente do jornal *A Tarde* em Roma, indicou que o *Immigration Act*, como ficou conhecida a lei, ao estreitar a entrada de italianos num país que os havia recebido aos milhares, levou as autoridades da Itália a se defrontarem novamente com o problema do seu excedente populacional, procurando em suas colônias africanas ou em nações estrangeiras uma alternativa aos Estados Unidos. Eliminada a primeira opção, por se acreditar que as condições locais não eram propícias ao progresso dos

---

<sup>19</sup> Bertonha, João Fábio. *Os Italianos*. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 83 e 88-89. Os dados sobre o número de emigrantes a deixar a Itália foram compilados pelo autor a partir de Audenino, Patricia e Corti, Paola. *L'emigrazione italiana*. Milão: Fenice 2000, 1994; enquanto a informação sobre a preferência entre os países foi tirada a partir de Bacci, M. *Storia Minima del mondo*. Torino: (sem editora), 1989.

emigrantes, restaria à Itália, segundo o correspondente, o Brasil e a Argentina, países que, ainda assim, não representariam solução definitiva para o problema. Isso faz pensar que, talvez, na viagem de Umberto, estivesse o desejo de averiguar junto às autoridades sul-americanas a possibilidade de virem mais imigrantes para a região, ou qualquer coisa parecida, uma tentativa de contrabalançar à restrição norte-americana. Não é à toa que, antes de Umberto, mas ainda em 1924, um ex-ministro da Itália veio à região.<sup>20</sup>

Por outro lado, desde o século XIX, a presença de vários italianos e descendentes no exterior provocava entre intelectuais e políticos da Itália um intenso debate sobre a possibilidade de o Império usá-los para aumentar sua influência no mundo.<sup>21</sup> E, se, por um lado, os Estados Unidos e a Europa (devido ao seu papel na comunidade internacional e ao número de emigrados e descendentes vivendo em seus territórios) eram vitais nessa discussão, a América do Sul não ficava de fora. Enquanto a Europa reunia as metrópoles dos maiores impérios do mundo (a maioria deles mais poderosa do que o italiano) e os Estados Unidos tornavam-se, ao longo dos anos 1900, 1910 e 1920 uma poderosa potência econômica, militar e política, os países sul-americanos, como Argentina e Brasil, pareciam mais abertos a uma direta influência da Itália (mediante o uso dos emigrados e descendentes) sobre seus governos, economias e sociedades.

Quando se deu a viagem de Umberto, o Brasil já vinha desde os anos 1880 despertando o interesse de sucessivos governos italianos. Os governos liberais anteriores ao fascismo interessaram-se pela proteção dos co-nacionais e o incremento do comércio com o Brasil, embora não tenham sido exitosos.<sup>22</sup> Nos anos 1920, com o fascismo no poder, potencializou-se o emprego da difusão cultural entre os ítalo-brasileiros como meio de alcançar a influência desejada e, sobretudo, passou-se a ter uma percepção mais clara do peso da comunidade italiana no Brasil sobre os interesses econômicos do governo italiano em relação ao país.<sup>23</sup> Apenas dois anos após a Marcha sobre Roma (1922) e numa prova de que o Brasil tinha certa importância para a diplomacia italiana, Mussolini destacou para chefiar a embaixada no Rio um dos

---

<sup>20</sup> *A Tarde*. “Em dificuldades...”. Salvador. 14/6/24. p. 2. “A viagem do Sr. Orlando à América do Sul”. Salvador. 12/7/24. p. 2.

<sup>21</sup> Bertonha, João Fábio. Um Imperialismo dos Pobres: o Império Italiano da Era Liberal ao Fascismo. In: Silva, Francisco Ricardo Teixeira da Silva et. alii. *Impérios na História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 264 e 265.

<sup>22</sup> Cabe observar que, segundo Bertonha, nessa fase houve certo desentendimento entre as chancelarias brasileiras e italianas devido às condições de trabalho dos italianos nas fazendas paulistas de café. Sobre esse último tema, ver: Hall, Michael. “Trabalhadores Imigrantes”. *Trabalhadores*, nº 3, 1989.

<sup>23</sup> Bertonha, João Fábio. O Brasil, os imigrantes e a política externa fascista, 1922-1943. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, nº 2, v. 40, 1997. p.

maiores heróis de guerra do país: o lendário marechal Badoglio.<sup>24</sup> Já no Brasil, ele foi secretariado adido militar coronel Domenico Siciliani, autor do relatório oficial da vitória da Itália na Grande Guerra.

Tanto as autoridades quanto os que se envolviam nas discussões sobre a utilidade dos italianos no exterior sabiam, porém, que a possibilidade do país lograr êxito nesse campo dependia diretamente da capacidade de o Estado manter os “súditos” do exterior ligados ideológica e sentimentalmente à “mãe pátria”.<sup>25</sup> Daí a influência cultural e a tutela política aparecerem como denominadores comuns à perspectiva de adquirir seja dividendos econômicos (mercado consumidor para os produtos da indústria italiana, remessa de divisas à península) seja políticos (pressão exercida junto à opinião pública e aos governos a favor da Itália).

Ante esses dados, parece plausível ver na visita de Umberto o desejo de aproximar da Itália os emigrados do Brasil, Uruguai, Argentina e Chile, afora apresentar oficialmente, claro, o futuro rei aos embaixadores italianos e aos estadistas da América do Sul. É o que sugere José Calasans, numa biografia de um dos filhos de Góis Calmon. Segundo ele, a visita tinha caráter político e, dados o tamanho e a importância da comunidade italiana no Brasil, esperava-se que alcançasse grande repercussão. Por outro lado, para um Savoia, “anexar” os italianos de além-mar à Itália matricial era, sem dúvidas, um feito digno de sua dinastia, nos termos de sua auto-imagem: conquista e anexação.<sup>26</sup>

Além disso, é um fato que, se a escolha da capital federal como primeira cidade a receber Umberto obedeceu ao critério de sua relevância política, as cogitações e tentativas de deslocá-lo quilômetros de distância adentro do território nacional, para visitar São Paulo (mesmo após a destruição de parte considerável dos seus edifícios durante a revolta), está diretamente ligada à concentração de ítalo-brasileiros e ao espetáculo proporcionado pelo “progresso” econômico daquela cidade e do estado mais rico da federação.<sup>27</sup> Tanto no Rio quanto em São Paulo e Salvador, os preparativos e execução das festas previram a participação não apenas das autoridades diplomáticas, mas também dos italianos, seus descendentes e associações diversas.

---

<sup>24</sup> *Diário Oficial da União*. “Ministério das Relações Exteriores. 14/2/24. p. 5444. « solto

<sup>25</sup> Bertonha, João Fábio. *Um Imperialismo dos Pobres: o Império Italiano da Era Liberal ao Fascismo*. p. 267.

<sup>26</sup> Calasans, José. *Miguel Calmon Sobrinho e sua época: 1912-1967*.

<sup>27</sup> Entre 1850 e 1920, mais 1.500.000 entraram em São Paulo. Ver: Hall, Michael. “Trabalhadores Imigrantes”. *Trabalhadores*. Nº 3. 1989. Ver também: *Diário Oficial da União*. “A Visita do Príncipe Herdeiro do Trono Italiano”. Rio de Janeiro. 2/9/24. p. 19365.



### **Umberto e o aceno da Itália**

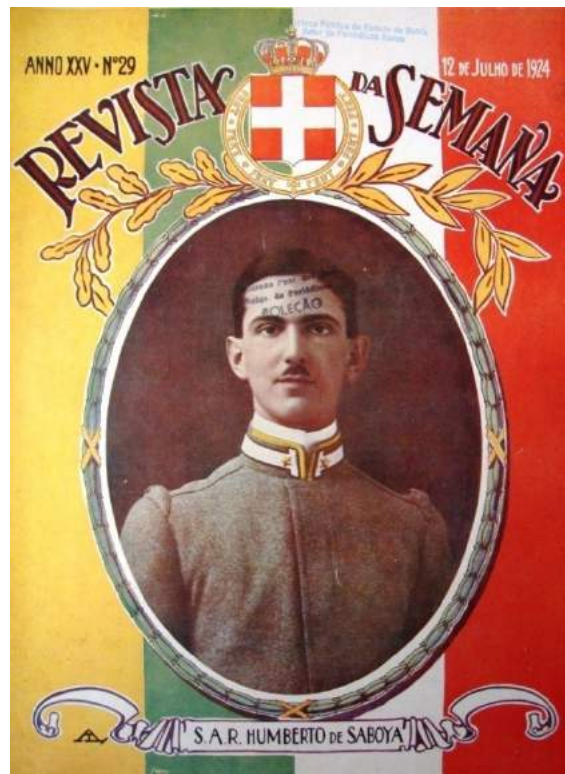
Sendo Umberto, nas visitas que realizava, o centro para onde convergiam as atenções, a sua pessoa e o que ela representava tinham um papel chave no aceno que a Itália dirigia aos seus “filhos” da América do Sul. Antes mesmo de sua chegada, a imprensa do Rio tentava criar toda uma expectativa em torno do visitante, através da publicação de farto registro iconográfico de diferentes momentos de sua vida. Na foto mais antiga (foto 3), aparece a rainha Elena sentada, segurando um bebê e cercada pelas princesas Iolanda, Mafalda, Maria Francesca e por Umberto, ainda um garoto rechonchudo. Com um olhar sisudo e numa pose inusitada, Umberto parecia defender a mãe de algo. Nos registros mais recentes verificava-se um príncipe esbelto, com a maioria das fotos de sua adolescência buscando explorar a sua juventude e beleza. A capa da *Revista da Semana* de 12 de julho (cujos fotógrafos, como veremos adiante, foram enviados a Salvador para a recepção oficial) publicou em forma de medalhão uma fotografia de Umberto. Usando montagem, a foto aparece dentro do brasão da Casa de Savoia com a legenda “S.A.R. [Sua Alteza Real] Humberto de Saboya”, tendo o pano de fundo quatro faixas paralelas com as cores das bandeiras brasileira e italiana, com o verde unindo ambas. O fotógrafo privilegiou os traços do rosto e a parte superior do seu tronco (destacando o seu porte alto e magro), onde se nota o uso da farda de granadeiro do exército italiano.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> *Revista da Semana*, ano 25, nº 29, julho de 1924 e *Revista da Semana*, 37, ano 25, setembro de 1924, p. 1.



3 - Nessa foto, publicada na *Revista da Semana*, Umberto, ao lado de suas irmãs e num gesto inusitado, parece proteger a mãe.



4 - Capa da *Revista da Semana* de 12 de julho de 1924. Seus fotógrafos foram enviados a Salvador, para o registro da recepção oficial de setembro.

Não apenas a beleza e a juventude do príncipe eram postas em exibição. Quando de sua passagem por Salvador, os jornais, além de publicar mais fotografias, faziam referências à nobreza de suas origens, à importância dos seus antepassados na história da península itálica e na unificação italiana. O *Diário Oficial do Estado da Bahia* publicou um texto em que sugere o nascimento de Umberto, ao lado de acontecimentos políticos de grande monta, como um dos marcos dos 900 anos de história da casa reinante da Itália. O *A Tarde* fez um percurso bem mais curto na história, concentrando-se no bisavô, no avô e no pai de Umberto para demonstrar o vínculo estreito entre o crescimento do domínio territorial dos Savoia, a unificação e a independência do país europeu.<sup>29</sup>

O Marechal Pietro Badoglio também tinha destaque nas recepções, pois também ele tivera importância na história recente da Itália. Um texto padrão distribuído entre alguns órgãos noticiosos de Salvador citou o seu envolvimento nas campanhas italianas na Líbia em 1912 e na Grande Guerra (1914-1918), sendo-lhe atribuída, nessa última, a conquista do Monte Sabotino, considerada de grande relevo. Teria ainda atuado na reestruturação do exército e sido o principal negociador do armistício com a Áustria, que encerrou a participação da Itália no conflito.<sup>30</sup>

O respeito que o militar inspirava em certos italianos ficou, aliás, patente nos diferentes momentos da visita à Bahia, a exemplo daquele em que, à sua passagem, um grupo fascista local o saudou à romana – braços direitos estendidos no ar. Em outra ocasião, num desembarque, após receber de uma senhora um ramallete de flores, Badoglio foi saudado por uma “falange” que, em formação e trajando a camisa negra “de estilo”, dirigiu-se ao Círculo Italiano (associação da comunidade italiana na Bahia, em frente à atual Casa d’Italia), onde esperou pelo marechal e por Umberto, que mais tarde chegou ao recinto.<sup>31</sup> À entrada e à saída de ambos, novas saudações.

Como sugerimos acima, o *San Giorgio* e o *San Marco* (e, na segunda visita, o couraçado brasileiro *São Paulo*) foram importantes personagens da visita, pela sua

---

<sup>29</sup> DOEBA. “Real Casa de Savoia”. 15/9/24. p. 7252. *A Tarde*. “Está na Bahia o Futuro Rei a Itália.” Salvador. 26/7/24. p. 1; mais referências à genealogia de Umberto foram publicadas em: *O Democrata*. “S. A. o príncipe herdeiro do trono italiano”. 27/7/24. p. 1; “S. A. Real o Príncipe Humberto na Bahia”. 30.7.24. p. 1.

<sup>30</sup> O texto padrão foi publicado em: DOEB. “Hóspedes Ilustres”. 11/9/24. p. 6140.; e *O Democrata*. “Visita do Príncipe Umberto di Savoia”. 12/24. p. 1. O grosso dessas informações foi confirmado por pesquisa no site da Enciclopédia Britânica, que possui um verbete sobre o militar. Disponível em: <corporate.britannica.com>. Acesso em: 1/7/24.

<sup>31</sup> Segundo o jornal *A Tarde*, o grupo era formado por veteranos da Grande Guerra, mas essa informação não foi confirmada. *A Tarde*. “Salve a Itália de Todos os Tempos”. 13/9/24. p. 1 e p. 5; e *Diário de Notícias*. “É hóspede do Brasil, na Bahia, S.A.R. o Príncipe do Piemonte”. 13/9/24. p. 1.

presença nos registros iconográficos e fílmico, pela constante referência dos jornais à sua potência, e ainda pelo papel desempenhado no protocolo estritamente diplomático (salva de canhões e apresentações oficiais das autoridades) e no cronograma das festas (recepções e hospedagem do príncipe). Daí que é possível pensar que as autoridades italianas vissem nos navios algo interessante a ser exibido como meio de despertar entre os emigrados certo orgulho pelo poderio naval italiano. Já na primeira visita a Salvador, os membros da comunidade local foram convidados a uma recepção no *San Giorgio* com a participação de Umberto. O mesmo evento foi repetido na data de aniversário do príncipe, em setembro.<sup>32</sup>

Além disso, membros da comunidade italiana foram também convidados a participar de eventos mais reservados das festas oficiais, como os bailes e recepções em ambientes fechados. No próprio Círculo Italiano, por exemplo, Umberto foi recebido pelos seus co-nacionais, cumprimentou-os um a um, apertando-lhes a mão. Uma foto do interior do edifício (foto 13) mostra o quão relativamente aconchegantes eram suas acomodações, promovendo um contato próximo entre o príncipe e um seleto grupo da pequena comunidade italiana da Bahia. No centro das fotos, aparecem Umberto, Badoglio, o coronel Domenico Siciliani (vindo do Rio em companhia do embaixador), o almirante Bonaldi (sempre próximo a Umberto), o cônsul da Itália na Bahia Fernando Scaldaferrri e Pedro Gordilho, primeiro delegado auxiliar na época e representante do Secretário de Segurança Pública João Marques dos Reis. Cercando-os, estão os escolhidos para cumprimentar o príncipe. Ao deixar o recinto e comentando o sucesso da recepção ali ocorrida, Badoglio afirmou que no coração dos seus compatriotas havia apenas duas palavras: Itália e Rei.<sup>33</sup>

Nessas e noutras ocasiões, Umberto procurava encarnar tudo o que se esperava de um príncipe: elegância, gentileza, inteligência, liderança, cosmopolitismo, cultura, etc. Em sua passagem pelo Clube Baiano de Tênis, por exemplo, um dos membros da associação, “encantado” com a “simplicidade” do príncipe, afirmou que o mesmo fora, na ocasião, alvo de todos os olhares, o que seria natural, devido a Umberto ser “esbelto, forte” e estar “elegantemente trajado”. O príncipe mostrara-se interessado pelas informações sobre o clube e seus associados ao mesmo tempo em que demonstrava

---

<sup>32</sup> *O Democrata*. “O S. A. o Príncipe Humberto na Bahia”. 30/7/24. p. 1. DOEBA. “Programa das Festas em Homenagem a S.A.R. o príncipe Umberto di Savoia”. 13/9/24. p. 7189. Em telegrama enviado de Salvador a Roma, Badoglio informa ao rei Vittorio que os italianos residentes em Salvador estavam “fascinados” pela juventude de Umberto e “orgulhosos” do navio em que viajava. *Diário de Notícias*. “Um telegrama a sua majestade Vitorio Emanuel”. 16/9/24. p. 1

<sup>33</sup> *Diário de Notícias*. “O Príncipe na Bahia”. 28/7/24. p. 1.

inteligência e cultura, inclusive comentando de relance a origem e o estilo duma peça de arte posta sobre a mesa. Falou ainda do seu gosto em colecionar quadros de antepassados seus, inclusive um de Tereza Cristina, sua prima e ex-imperatriz do Brasil.<sup>34</sup> Como se vê, um comportamento que, durante sua visita ao Chile, foi alvo de violentas críticas de um pasquim universitário conquistou os “cavalheiros, senhoras e senhorinhas” da sociedade baiana e brasileira, na maior parte do tempo propensas a ver na Europa (e em quem a representava) um modelo a ser admirado e seguido.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> *Diário de Notícias*. “S.A.R o Príncipe de Piemonte”. 12/9/24. p. 7166.

<sup>35</sup> *Claridad*. Homenaje al Príncipe Humberto. Vol. 5, nº 125. 1924. Disponível em: <<http://www.revistas.uchile.cl>>. Acesso em: 3/7/12.

## Capítulo II: A visita de Umberto e os acontecimentos de 1924

Nesse capítulo, pretende-se abordar a turbulência política que, ocorrida na cidade de São Paulo em 1924 (com repercussões em outras capitais, como Aracaju e Manaus), implicou nos dois adiamentos da recepção ao príncipe do Piemonte no Rio e em São Paulo e as decorrentes indicações de Salvador como porto a recebê-lo, tanto em julho, na ida, quanto em setembro, na volta para a Itália. Em seguida, serão discutidos alguns aspectos desse contexto que indicam a singularidade da situação política do país e da Bahia naquele ano.

De fato, em instante algum, Salvador estava no cronograma inicial da viagem de Umberto ao Brasil, nem na ida (julho) nem na vinda (setembro). Sede das principais instituições da nação e das representações diplomática dos países – inclusive da Itália –, o Rio de Janeiro era o núcleo político do Brasil, o que o tornava centro gravitacional para as autoridades políticas. Além do mais, como se sabe, entre 1902 e 1906, durante os mandatos do prefeito Pereira Passos e do presidente Rodrigues Alves, o Rio sofreu várias reformas em sua estrutura urbanística, viária, portuária e habitacional, o que lhe conferiu ares de aspirante à metrópole europeia. Por tal razão, o Rio foi a cidade eleita, num primeiro momento, para receber o príncipe do Piemonte. Por sua vez, o desejo de levar Umberto a São Paulo pode ser atribuído à relevância econômica de sua lavoura cafeeira, ao tamanho de sua capital e, principalmente, de sua comunidade italiana.

Entretanto, apesar desta preferência, o Rio e São Paulo tornaram-se, a partir de julho de 1924, um lugar pouco seguro para receber Umberto. Como mostra Edgard Carone, é no dia 4 que o general gaúcho Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa, oficial de polícia, iniciam em São Paulo o levante militar de 1924 contra o governo federal. Os revoltosos, além de tomarem o Telégrafo Nacional, uma importante estação de ferro do estado, invadiram a residência oficial do governador Carlos de Campos, um dia depois de sua fuga da cidade.<sup>36</sup>

No Rio, antes do dia 4 de julho, já estavam praticamente preparadas as festas de recepção a Umberto. O Congresso aprovara a solicitação de abertura de crédito especial por parte do governo, que nomeou uma comissão para organizar o evento. O presidente desta, o embaixador Regis de Oliveira, vinha cuidando de todos os pormenores da visita.

---

<sup>36</sup> Carone, Edgard. *A República Velha II: evolução política*. São Paulo: Difel, 1983. p. 384 e ss.

Entretanto, verificando que a rebelião de São Paulo, além de se espalhar por cidades do interior, dava sinais de ramificação por outros estados e sabendo que o principal adversário dos revoltosos era o próprio governo federal, as autoridades preocupavam-se com a segurança pública no próprio Rio de Janeiro, onde, aliás, ocorrera dois anos antes o levante do Forte de Copacabana. O próprio embaixador Badoglio passou nota ao ministro Félix Pacheco, informando que grassavam na cidade rumores de que alguns indivíduos haviam apazado a deflagração do movimento revolucionário no Rio de Janeiro precisamente para o dia em que Umberto chegasse à cidade.<sup>37</sup>

Diante de tal contexto de insegurança, o governo federal e a embaixada italiana, em conjunto, adiaram a visita de Umberto ao Rio, cancelando, da mesma forma, a hipotética viagem do príncipe a São Paulo. Ao mesmo tempo, julgando certamente que a situação na capital baiana era mais segura, indicaram-na como porto de abastecimento das belonaves italianas.

### **Reação da Bahia à revolta**

Iniciada a revolta em São Paulo, as autoridades da Bahia tomaram as medidas cabíveis para a manutenção da ordem no estado e manifestaram solidariedade ao presidente Bernardes. Enquanto o governador Góis Calmon recebia do interior vários telegramas de cidadãos e chefes políticos condenando o levante e oferecendo serviços para combater em defesa da legalidade,<sup>38</sup> a situação na capital inspirava maiores cuidados. Com a chegada da notícia do levante em Salvador, começaram a aparecer rumores que, segundo os jornais, “alarmavam” e “atemorizavam” a população, dando alguns deles conta de que se preparava nos meios operários a deflagração de uma greve, isso num contexto de crescente descontentamento popular pela carestia. A polícia começou então a investigar o assunto, fazendo operações pela cidade e convocando indivíduos suspeitos para prestar esclarecimentos. Um deles foi o senador oposicionista e ex-governador Antônio Moniz. No dia 9 de julho, o *A Tarde*, de propriedade do deputado Simões Filho, noticiara que Moniz havia declarado em público sobre o movimento revolucionário informações que o comprometiam. Ele teria corrigido o noticiário oficial que, ainda confuso e surpreso diante da revolta, informara erroneamente que o chefe do

---

<sup>37</sup> *Diário Oficial da União*. “Noticiário”. Rio de Janeiro. 30/8/24. p. 19233.

<sup>38</sup> Há várias pastas no Fundo Góis Calmon do Arquivo Público do Estado da Bahia com muitos telegramas desse teor.

movimento revolucionário era o general baiano Isidoro Figueiredo. Antes que o próprio governo tomasse conhecimento dos fatos, Moniz já sabia que o chefe era o general Isidoro Dias Lopes, do Rio Grande do Sul. Além disso, declarou que a data do movimento fora inicialmente preparada para acontecer em março, não em julho. Apenas estando envolvido na conspiração, concluía o jornal, poderia o senador estar em posse de tais informações. Como não rebateu as insinuações da imprensa, o chefe de polícia o convocou para prestar esclarecimentos.<sup>39</sup>

A suposição de que Moniz estava ciente dos preparativos da revolta, ou mesmo tramando algo em Salvador, não era de todo infundada. Além de suas declarações, as autoridades decerto tinham em mente o envolvimento de Seabra (seu líder) com a Reação Republicana, chapa dissidente que, em 1921, concorreu às eleições presidenciais contra o candidato Artur Bernardes, indicado por Epiácio Pessoa. Como demonstra Marieta de Moraes Ferreira, os membros daquele agrupamento político, principalmente seu líder Nilo Peçanha, haviam se aproximado dos militares e tentaram usar sua contrariedade com o governo para dificultar a eleição e posse do candidato oficial. Não por acaso, durante as investigações sobre o levante do Forte de Copacabana (1922), vários nilistas foram acusados de implicação no movimento e o próprio Seabra, ainda governador, foi convocado a depor na polícia do Rio, num episódio fartamente explorado pela oposição estadual da época, agora no poder.<sup>40</sup>

Também ganhou repercussão nos jornais de Salvador a detenção do jornalista Sérgio Rodrigues, aliado de Moniz e editor do *Correio do Povo*, o qual vinha declarando apoio aos revoltosos de São Paulo. O caso deu-se no dia 14 de julho, mesmo em que Bernardes, informado de que um levante em Aracaju depusera o governador Gracho Cardoso, decretou para a Bahia e Sergipe a extensão do estado de sítio já em vigor no Rio, no Distrito Federal e em São Paulo. Dias depois, Rodrigues foi enviado “no primeiro vapor” ao Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro.<sup>41</sup> O jornal teve, então, suas atividades encerradas na ocasião e voltou a circular apenas em junho de 1925.

---

<sup>39</sup> *A Tarde*. 2.8.24. p. 1.

<sup>40</sup> *A Tarde*. “O senador Antônio Moniz esperava a sedição desde março”. 9/7/24. p. 1. *A Tarde*. “É senador, mas não tem privilégio para conspirar”. 16/7/24. p. 1. Sobre a Reação Republicana, ver: Ferreira, Marieta de M. A reação republicana e a crise do pacto oligárquico. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 11, v. 6, p. 9-23, 1993.

<sup>41</sup> *Diário da Bahia*. “O Sítio para a Bahia e Sergipe”. 15/7/24. No dia 13 de julho, rebelou-se o 28º Batalhão de Caçadores, que vinha sendo preparado para embarcar para São Paulo em combate aos revoltosos. Em solidariedade a estes, o capitão João Soarino e os tenentes Augusto Maynard Gomes, Eurípedes Esteves e Manuel de Mendonça atacaram o Palácio do Governo e o prédio da polícia estadual e prenderam o governador do estado. Permaneceram no poder até o dia 2 de agosto. Para descrição da



Enquanto tomava tais providências, o governador baiano, que era irmão do ministro da Agricultura Miguel Calmon, procurou deixar claro ao presidente Bernardes e à sociedade baiana sua fidelidade à ordem. Assim que o 19º Batalhão de Caçadores (19º BC) da Bahia, a pedido do ministro da Guerra, foi embarcado rumo a São Paulo para lutar contra os revoltosos, Góis Calmon notificou ao presidente que o acontecimento fora um sucesso. Secundando seus esforços no Rio, Miguel Calmon e alguns membros da “colônia baiana” encarregaram-se de receber os soldados e fornecer-lhe roupas e armas. Já na Câmara dos Deputados, Otávio Mangabeira, membro da bancada governista da Bahia, pronunciou discurso de condenação veemente da revolta e de apoio a Bernardes e a Carlos de Campos, governador de São Paulo. Disse manifestar-se em nome do sentimento de civismo que fora sempre, em suas palavras, “o apanágio do povo baiano”, concluindo com vivas à República, no que foi apoiado pelos pares.<sup>42</sup>

A reação das autoridades baianas quando chegou a notícia de que o 28º BC revoltara-se foi rápida também. Góis Calmon transmitiu a informação ao Rio de Janeiro e dias depois mandou embarcar, à noite, 150 homens da polícia baiana para defender a fronteira do estado com Sergipe, em Rio Real. Resguardada a segurança na Bahia, no dia 20 de julho, o general Marçal de Faria, comandante da VI Região Militar, “sob o mais rigoroso silêncio”, reuniu-se no litoral baiano com tropas dos batalhões de caçadores do Recife e da Paraíba e em seguida dirigiu-se a Estância (Sergipe), onde se reuniu com o 29º BC (Maceió) e foi-se encontrar com a polícia da Bahia, que já se encontrava no interior de Sergipe. O plano era quebrar, aos poucos, a resistência do inimigo e atacar, com auxílio de forças civis e militares, São Cristóvão e Aracaju. Pelo relato dos jornais, após algumas lutas do dia 2 para o 3 no sul do estado, porém, os revoltosos abandonaram a capital. No dia 4, a polícia baiana e o 21º BC entraram na cidade.<sup>43</sup>

---

revolta, ver: Maynard, Andreza Santos Cruz. O mistério conduz à audácia: antecedentes da revolta de 13 de julho de 1924 em Sergipe. *Ponta de Lança*, Aracaju, vol. 2. 1-19.

<sup>42</sup> Telegrama sem emissário enviado para Góis Calmon. Sem data. Pasta 13, nº 4.” Telegrama do Capitão Dutra para Góis Calmon. Sem data. nº 48: “Vosso digno irmão [é] verdadeiro amigo da polícia baiana. Desembarcamos ontem com a presença [do] ministro Miguel Calmon e de deputados federais e outros baianos. O trajeto foi feito [em] bondes especiais e [em] automóveis. Estamos fazendo refeição no 3º regimento de infantaria. Estou providenciando equipar força”. *Diário da Bahia*. “O 19 Batalhão de Caçadores embarcou garboso e disciplinado”. Salvador. 11/7/24. p. 1; *A Tarde*. “O apoio da Câmara ao chefe da nação”. 12/7/24. p. 2. jamais esconder fonte em nota (2) isto é coisa de sociólogo ou estadunidense (3) ou usa no corpo do texto, ou não usa

<sup>43</sup> *Diário da Bahia*. “História e fim do motim militar de Sergipe”. Salvador. 5/8/24. p. 1. *A Tarde*. “As operações militares em Sergipe segundo nota do estado maior legalista”. 16/8/24. p. 1.

Em Salvador, Góis Calmon proibira a divulgação da notícia da revolta do 28º BC, nomeando censores para as redações dos jornais e permitindo apenas a divulgação de que o presidente da República havia estendido para Bahia e Sergipe o estado de sítio já decretado para o Rio, Distrito Federal e São Paulo, sem contudo indicar a razão.<sup>44</sup>

Apesar do seu esforço, porém, os rumores dando conta do levante começaram a circular, inclusive porque a população soteropolitana notava, através de alguns sinais, que algo de anormal acontecia: jornalistas, parlamentares, militares e secretários entravam e saíam do Palácio Rio Branco, sede do governo; a polícia, mesmo tentando ser discreta, continuava as diligências pelas ruas e destacou soldados para defender as estações de água e luz. Mesmo quando o governador decidiu enviar soldados para defender a fronteira com Sergipe e posteriormente invadir o estado, em embarques noturnos, parte do povo notava o movimento dos homens. Incomodado com os rumores em torno do caso, o secretário de Segurança Pública decretou o toque de recolher: bares, restaurantes e cafés deviam ser fechados às 22 horas.<sup>45</sup>

### **Presença de Umberto em julho**

Foi ainda sob tais circunstâncias, isto é, com a Bahia tentando conter a rebelião fora de suas fronteiras (inclusive sufocando um foco no estado vizinho) que, no dia 26 de julho, Umberto chegou pela primeira vez em Salvador. A população local, que havia sido informada de sua chegada com poucos dias de antecedência, sabia que o príncipe permaneceria incógnito em Salvador, ou seja, não transitaria como representante oficial da Itália nem receberia hospedagem oficial do governo. Apesar disso, o presidente Artur Bernardes solicitou a Góis Calmon que recebesse o príncipe do Piemonte da melhor forma possível e dentro do que a situação permitia.<sup>46</sup>

Em trajes civis, Umberto realizou, então, alguns passeios pela cidade, visitou monumentos, instituições, igrejas e compareceu a recepções realizadas pelo governo estadual e pela colônia baiana, mantendo, porém, a sua hospedagem no próprio *San Giorgio*, fundeado ao largo. No último dia de sua primeira passagem por Salvador,

---

<sup>44</sup> *A Tarde*. “O grande corte da censura”. 5/8/24. p. 1. *Diário da Bahia*. “A Censura à Imprensa”. Salvador. p. 16/7/24.

<sup>45</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “A Reintegração da ordem legal no vizinho estado de Sergipe”. 3/9/24. p. 6937. *Diário da Bahia*. “O serviço de policiamento da cidade”. Salvador. 18/7/24. p. 1

<sup>46</sup> *A Tarde*. “Está na Bahia o futuro Rei da Itália”. 26/7/24. p. 1

recebeu os cumprimentos de um enviado da Embaixada italiana no Rio. Três dias depois, a esquadra partiu para Buenos Aires.<sup>47</sup>

Enquanto Umberto estava em Salvador, Oscar Teffe, embaixador do Brasil na Itália, concedeu entrevistas a um jornal romano lamentando e “desmentindo” as notícias “exageradas” divulgadas pelas agências internacionais sobre a revolta de São Paulo. Assegurou que tudo estava sob controle e que o golpe final sobre os rebeldes não fora ainda dado em virtude de o presidente evitar sacrifícios à “bela” capital paulista e sua numerosa população civil. Era, certamente, uma tentativa de tranquilizar os italianos sobre a segurança pessoal de seu príncipe herdeiro.<sup>48</sup>

### **O segundo adiamento**

Entretanto, de fato, a partir do dia 27 de julho, a situação tornou-se mais desfavorável para os revoltosos. Embora várias cidades do interior caíssem em suas mãos, viam-se isolados enquanto as tropas legalistas eram constantemente alimentadas com reforços vindos de fora do estado (inclusive da Bahia). Também eram açoitados pelos bombardeios sobre a cidade. Diante disso, os 6 mil amotinados que ainda lutavam em São Paulo, sob liderança do general Isidoro, deixaram a capital em direção ao interior. Depois de alguns combates com forças legalistas, e já formados em coluna, entraram em setembro no Paraná, onde atacaram as cidades de Guaíra, Catanduvas e Foz do Iguaçu. Aí permanecem até 15 de novembro de 1924.<sup>49</sup>

Mesmo diante desse quadro, numa reunião ministerial ocorrida no final de agosto, o presidente Bernardes decidiu adiar novamente a vinda de Umberto ao Rio de Janeiro, dessa vez por tempo indeterminado. Flores da Cunha, deputado federal e combatente gaúcho, informara ao presidente que os violentos combates travados no Paraná (que em si já incomodavam os anfitriões de Umberto no Rio) e uma possível aproximação dos rebeldes em relação ao Rio Grande do Sul poderiam atizar a oposição e ameaçar a segurança política naquele estado.<sup>50</sup> Além disso, segundo o ministro Pacheco, a

---

<sup>47</sup> *A Tarde*. “A esquadra italiana zarpa hoje”. 30/7/24. p. 2

<sup>48</sup> *Diário da Bahia*. Salvador. “O embaixador brasileiro na Itália fala sobre a sedição militar em São Paulo”. 29/7/24. p. 1

<sup>49</sup> Carone, Edgard. *A República Velha II: evolução política*. p. 385 e ss. Como se sabe, os revolucionários serão posteriormente expulsos desse ponto e encontrarão, às margens do Rio Paraná, outra tropa de revolucionários que vinham do Rio Grande do Sul e a partir de então forma-se a Coluna Miguel Costa-Luiz Carlos Prestes que ficará na história como a Coluna Prestes e continuar pelos próximos anos percorrendo o território brasileiro em desafio às autoridades.

<sup>50</sup> Arquivo Edgar Leuenroth. Fundo Artur Bernardes. Carta de Flores da Cunha para Artur Bernardes. 25 de agosto de 1924.

intranquilidade pública no Rio de Janeiro permanecia, fato comicamente registrado na capa da revista carioca *O Malho*, em que dois amigos que cochicham banalidades ao pé do ouvido são alvo da curiosidade geral de apavorados transeuntes (entre eles um cachorro) que desesperadamente perscrutam o conteúdo do diálogo...<sup>51</sup> Tal situação era, inclusive, alimentada pela explosão de bombas em diferentes pontos da cidade. Uma delas foi detonada na embaixada da Argentina e outra num atentado contra o general Tertuliano Potiguara, destacado combatente legalista, que ficou gravemente ferido. O incidente abalou fortemente o governo, pois o general Potiguara, veterano da guerra do Contestado, apoiara Bernardes desde o tempo da campanha para a presidência da República e, por ser um valoroso combatente, era visto como um importante membro do oficialato militar legalista. Paralelamente, através de investigação, a polícia concluía pela veracidade dos boatos aludidos por Badoglio em julho, que diziam que era pensada para o dia da chegada de Umberto a deflagração de uma revolta no Rio.

Assim, após a decisão de Bernardes e vencendo, em suas palavras, “grande e penoso constrangimento”, Félix Pacheco enviou ao embaixador da Itália, com o “máximo pesar”, novo pedido de transferência da visita. Informando que a polícia, sem sucesso, vinha-se esforçando para encontrar os autores dos incidentes descritos acima, lamentou profundamente a impossibilidade de o Rio de Janeiro receber o príncipe do Piemonte e mostrou-se consciente do impacto negativo que tal fato provocaria no crédito do Brasil no exterior, especialmente na Itália. No dia 1º de setembro, o ministro recebeu mensagem de Badoglio confirmando o adiamento da vinda de Umberto.<sup>52</sup> Dias depois, certamente tentando amenizar o desconforto causado pelos adiamentos e transferências de visitas, Benito Mussolini emitiu um comunicado afirmando que o adiamento da visita não era um sinal de desprestígio do governo brasileiro diante da Itália e assegurou que outra oportunidade logo surgiria para uma visita de Umberto ao Rio e a São Paulo.<sup>53</sup> Neste mesmo dia 5 de setembro, já se anunciava na Bahia que o príncipe seria recebido oficialmente em Salvador. Desta feita, seria para valer.

No Rio, alguns comentários em torno do adiamento, veiculados pelas revistas lustradas (que vinham, paralelamente aos jornais, criando todo um ambiente de expectativa em torno da visita), demonstram a frustração que o fato causou em alguns círculos sociais da cidade. Uma caricatura publicada em *Careta*, intitulada *Passou de*

---

<sup>51</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1924.

<sup>52</sup> *Diário Oficial da União*. “A visita do príncipe herdeiro do trono italiano”. 2/9/24. p. 19365-19266.

<sup>53</sup> *O Democrata*. “O príncipe Umberto de Sabóia”. 5/9/24. p. 1.

*largo*, apresenta no segundo plano Umberto no *San Giorgio* acenando para uma figura que, sobre o Corcovado, abre os braços em sinal de lamento pelo adeus do príncipe, enquanto embaixo encontra-se a frase “Era uma vez o príncipe...”<sup>54</sup>. Mais comicamente, *O Malho*, que vinha publicando fotografias e desenhos referentes à visita de Umberto, tais como a bandeira e as armas da Itália, o próprio Giuseppe Garibaldi e etc; essa mesma revista apresenta na capa do dia 13 de setembro uma caricatura em que o personagem *Jeca* (representando o povo) diz a *Seu Cardoso* (um homem bem visto), a respeito do adiamento da visita: “É, seu Cardoso, se a gente quizerê vê príncipe, tem mêmo que esperá o Carnavá!”<sup>55</sup>.

Em tom mais sério e tentando justificar o adiamento da visita, os editorialistas de *O Malho* afirmaram que “todos compreenderão que [...], perdurando, como perdura, o espírito de indisciplina e de revolta” na cidade, “algum incidente poderia sobrevir na ocasião da próxima visita de Sua Alteza”, já que continuava “a criminosa política de arruaça e de motim, que tanto mal nos tem feito”. Por sua vez, a *Nação Brasileira*, revista co-editada por Evaristo de Moraes, publicou que “os lamentáveis acontecimentos políticos que tanto nos têm deprimido aos olhos das nações cultas, não permitiram, infelizmente, que pudéssemos receber a visita do príncipe Umberto de Savoia”. Em seguida, assegurou que a recepção, se ocorresse, “constituiria para nós um desses inesquecíveis acontecimentos que a história dos povos registra como sendo dos mais felizes, por isso mesmo que eles têm uma extraordinária significação”. Tempos depois, a *Revista da Semana* publicaria, em sua edição do dia 25 de outubro, três fotografias melancólicas dos integrantes da comissão encarregada de realizar as festas a Umberto.<sup>56</sup>

### **O significado dos adiamentos**

Os dois adiamentos da visita de Umberto e as respectivas transferências para Salvador destacaram como o Rio de Janeiro e São Paulo, de um lado, e a Bahia, de outro, estavam vivendo situações políticas distintas. É esse um dos aspectos que tornam as visitas do príncipe um acontecimento significativo.

A ocorrência das revoltas em São Paulo, Manaus e Aracaju, bem como a extensão do clima de instabilidade para o Distrito Federal e o sul do Brasil, expressava a radicalização de atritos políticos herdados do quadriênio Epiácio Pessoa. Para começar,

---

<sup>54</sup> *Careta*. *Passou ao longe*. Nº 840, ano 17, julho de 1924, p. 23.

<sup>55</sup> *O Malho*. Nº 1148, ano 23, 13 de setembro de 1924.

<sup>56</sup> *O Malho*. Nº 1147, ano 23, 6 de setembro de 1924. *Nação Brasileira*. Nº 13, Ano 2, p. 75. *Revista da Semana*, 23 de outubro de 1924.

este presidente, ao nomear ministros civis para pastas militares (uma atitude que em si já indicava desentendimento com as Forças Armadas), provocou um longo mal-estar entre o Catete e os oficiais e suboficiais do Exército e da Marinha, especialmente em torno do ministro da Guerra Pandiá Calógeras.<sup>57</sup> Outro problema era o da contradição, mais forte no início do seu mandato, entre o desejo de exercer autonomamente o poder executivo e a excessiva influência de Minas Gerais sobre o Catete, a qual afiançara não só sua candidatura, mas também a sua sucessão por Artur Bernardes, nas eleições de 1922. O interesse de Epitácio em distribuir recursos e fortalecer os estados do norte também era limitado pelos mineiros.<sup>58</sup>

O problema da sucessão governamental agravou parte desses problemas, pois, apesar dos seus esforços, os articuladores da candidatura Bernardes não lograram reunir o apoio dos principais estados da federação. Como demonstra Cláudia Viscardi, de início, vendo no governador paulista Washington Luís uma ameaça às suas pretensões, os mineiros procuraram aproximar-se de antigos aliados, como Bahia e Rio Grande do Sul. Em seguida, porém, decidiram privilegiar o apoio do Catete (conseguido graças ao controle que exerciam sobre o presidente) e de São Paulo (em troca da promessa de dar prosseguimento à política de valorização do café, que também agradava aos cafeicultores mineiros), mas ao tentarem, depois, angariar novamente adesão dos outros estados, não foram bem-sucedidos. A situação exigia grande habilidade, pois os estados faziam exigências difíceis de conciliar.<sup>59</sup> Em meio às dificuldades, crescia entre os militares o movimento em prol da candidatura do ex-presidente Hermes da Fonseca. No final das negociações, Bernardes estava com Minas, São Paulo, o Catete e outros estados, mas sem o apoio do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco. O resultado dessa política foi uma das três mais disputadas e turbulentas eleições da I República. Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco formaram uma chapa dissidente (a Reação Republicana) encabeçada pelo fluminense Nilo Peçanha e pelo soteropolitano J. J. Seabra.

Ao provocar uma divisão entre as classes dirigentes num momento em que era forte o descontentamento entre militares, operários e classes médias urbanas contra o sistema político oligárquico, a campanha eleitoral de 1921-22 deu ensejo a que tais críticas recrudescessem ainda mais. Fazia parte dos planos dos opositoristas, além

---

<sup>57</sup> Carone, Edgard. *A República Velha II: evolução política*. São Paulo: Difel, 1983. p. 352 e ss.

<sup>58</sup> Fritsch, Winston. 1922: crise econômica. *Revista de Estudos Históricos*, vol. 6, nº 11, 1993. p. 3-8. Viscardi, Cláudia. *O teatro das oligarquias*. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 2001, p. 290 e ss.

<sup>59</sup> Viscardi, Cláudia. *O teatro das oligarquias*. p. 302.

disso, aumentar a mobilização popular e militar contra o governo e seu candidato. No próprio discurso dos seus adeptos, como indica Marieta de Moraes Ferreira, foi incluída a crítica aos vícios do regime político, ao desamparo das classes operárias e à “humilhação” dos militares, prevendo-se ainda a articulações diretas com os mesmos, a fim de envolvê-los na campanha, o que foi em grande medida conseguido.<sup>60</sup>

A vitória de Artur Bernardes nas eleições de março de 1922 não arrefeceu de imediato os ânimos, pois a oposição continuou a agitação pela criação de um Tribunal de Honra extra-parlamentar para verificar a validade das eleições. A medida não foi aceita por mineiros e paulistas, embora até o Catete demonstrasse o desejo de recuar. Em julho, veio o levante do Forte de Copacabana, uma manifestação do clima que então se vivia. Nos anos seguintes, Bernardes, já na condição de presidente, tomava uma série de medidas contra seus adversários, tantos os militares que haviam se rebelado e que manifestavam-lhe críticas mais audazes, quanto os quatro governos membros da Reação Republicana. Governando sob estado de sítio durante a maior parte do tempo, Bernardes abafava os protestos vindos dos setores médios e do operariado. Também mostrava-se incapaz de acomodar parte considerável dos grupos que lhe fizeram oposição no ano anterior. A partir de 1922, houve intervenções federais no em Pernambuco, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e na Bahia, contra os governos que haviam militado na Reação Republicana.

Como demonstra novamente Cláudia Viscardi, ao proceder assim, Minas Gerais, São Paulo e o Catete agiam contra certas regras tácitas do federalismo brasileiro da I República. Primeiramente, o fizeram ao insistirem com a candidatura mineira mesmo após as defecções de quatro dos mais influentes estados. Esse tipo de atitude frequentemente gerou (e geraria novamente, em 1929-30) diferentes tipos de protesto e resistência ao longo da I República, como se deu nas sucessões de Deodoro da Fonseca, Prudente de Moraes e Hermes da Fonseca, por exemplo. Outro dado importante foi a dificuldade demonstrada por Bernardes de acomodar, já no seu governo, tanto parte dos seus antigos adversários (ao intervir nos estados membros da Reação Republicana e degolar parte da bancada de alguns deles), como os novos atores emergentes no contexto do pós-guerra (militares, operários e classes médias), expressando a entrada do regime como um todo num processo de crise que se estenderia pelos próximos anos.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> Ferreira, Marieta de M. A reação republicana e a crise do pacto oligárquico. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 11, v. 6, p. 9-23, 1993. p. 16.

<sup>61</sup> Viscardi, Cláudia. *O teatro das oligarquias*. p. 61-62.

Em comparação com esse contexto nacional delicado, a Bahia em 1924 entrava num processo de estabilização de sua política, a qual durante muitos anos havia sido instável. Basicamente, houve, no início, dois movimentos que levaram a essa estabilidade. O primeiro foi o isolamento político de Seabra e Antônio Moniz na oposição, após o fracasso da política de conciliação que o primeiro vinha tentando com a oposição, desde, pelo menos, os começos de 1921 (quando Seabra fez na Bahia a campanha para que Rui Barbosa voltasse ao senado) até novembro de 1923. Nesse ano, uma última tentativa de acordo de acomodação com o governo federal, Seabra indicou Góis Calmon (irmão, como vimos, de Miguel, que era ministro de Bernardes) à sua sucessão no governo estadual. Ao notar, porém, que o apoio que o mundo político conferia a seu candidato não lhe era transmitido, rompeu com tal candidatura, mas sem ter o apoio da maior parte dos seus próprios seguidores, já comprometidos com os Calmon. A posterior vitória e posse de Góis Calmon no governo da Bahia foi acompanhada do afastamento e relativo isolamento de Seabra na oposição, pelo menos na política estadual.<sup>62</sup>

O segundo fator de estabilização foi a constituição de acordos entre as lideranças diversas que então assumiam o poder. Como dito anteriormente, havia, de modo geral, três grupos aptos a assumir os principais cargos do estado: um primeiro, grande, formado por ex-seabristas, encastelado principalmente na Assembleia Legislativa da Bahia e agora chefiado por Frederico Costa; um segundo formado por Pedro Lago, Otávio e João Mangabeira, sob liderança de Aurelino Leal, interventor bernardista no Rio – esse grupo havia feito a campanha pró-Bernardes na Bahia; e outro, liderado por Miguel Calmon. A grande questão que dividia tais grupos era a desconfiança que Aurelino e seus chefiados (principalmente Mangabeira) nutriam da aliança entre os ex-seabristas e os Calmon. Segundo tal ponto de vista, ambos os grupos tramavam a sua exclusão do poder após a posse do novo governador, o que era frequentemente denunciado ao presidente da República, inclusive com contestação velada ou aberta da fidelidade dos Calmon a Bernardes. Em 1923, Fiel Fontes, aliado de Mangabeira, informou que ele e seus amigos esperavam que fosse este e não Miguel Calmon o indicado para o ministério da Agricultura. Em carta anterior, o mesmo Mangabeira lhe confessara o propósito de “justificar-se em toda linha”, isto é, de defender os interesses

---

<sup>62</sup> Sobre a relação entre Rui Barbosa, ver livro recém-lançado: Sarmento, Silvia. *A Raposa e a águia*. Salvador: Edufba, 2011.



do seu grupo político, em oposição aos Calmon e em torno de Rui, ainda vivo nessa época.<sup>63</sup>

Entretanto, com o passar do tempo, esse clima de desconfiança e incompatibilidades sofreu certo arrefecimento. Numa tentativa de conciliação e através da indicação do próprio Bernardes, Aurelino Leal não só tornou-se deputado como foi indicado para líder da bancada baiana, como uma compensação por não ter sido indicado para a sucessão de Seabra. Na mesma circunstância em que foi eleito líder, Aurelino foi encarregado por seus colegas de enviar a Góis Calmon os “protestos de apoio e a solidariedade” da bancada para que se realizasse a “administração profícua e a política justa” que o novo governo vinha realizando.<sup>64</sup> Paralelamente, Otávio Mangabeira, entre outras circunstâncias, ao observar que Artur Bernardes fortalecia-se após a eleição e posse de Carlos de Campos (seu aliado) no governo de São Paulo e mostrava-se irredutível em seu apoio aos Calmon, acenou para os seus aliados da Bahia, no sentido de recuarem e temporizarem com os Calmon, para não terminar no isolamento político.<sup>65</sup> É fato, apesar das idas e vindas desse processo, que em julho e setembro, quando Umberto veio a Salvador, Mangabeira (agora na chefia do grupo de Aurelino, falecido em junho de 1924) e seu grupo já estavam claramente no mesmo lado dos Calmon.

Essa situação de maior estabilidade sem dúvidas contribuiu para que as autoridades baianas tivessem uma reação rápida diante das ameaças de expansão da agitação rebelde para Salvador e declarassem, em sua grande maioria, o apoio do estado ao presidente da República. De fato, se o grupo no poder estivesse dividido, a atuação da oposição seabrista ou mesmo os protestos de grupos sociais como o operariado (acossado na época pela situação de carestia na cidade) seriam mais facilmente articuláveis.

Por essa razão, a visita de Umberto foi significativa. Os dois adiamentos das recepções no Rio de Janeiro e em São Paulo e as transferências para a Bahia resultaram da percepção das autoridades federais e estaduais de que Salvador ofereceria mais segurança e por isso indica como a Bahia, em 1924, entrava num novo momento,

---

<sup>63</sup> Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB). Centro de Memória da Bahia (CMB). Carta de Durval a Otávio Mangabeira em janeiro de 1924 (essa última data é, provavelmente, janeiro de 1924, tendo sido incorretamente indexada pelo arquivo) [OM4279]. Carta de Simões Filho a Otávio Mangabeira em 10 de outubro de 1924 [OM1349]. Carta de Otávio Mangabeira a remetente desconhecido em 1923 [OM 4793]. Esse momento foi muito bem explorado por Consuelo Novais Sampaio, em livro citado.

<sup>64</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). Fundo Góis Calmon. Telegrama de Aurelino Leal a Góis Calmon em 14 de maio de 1924.

<sup>65</sup> BPEB. CMB. Carta de Otávio Mangabeira a destinatário desconhecido. Sem data. OM 4792.

distinto tanto do que suas elites haviam experimentado no passado recente como da maneira como o Catete e seus aliados encaminhavam a política em nível nacional. Simultaneamente, deixou claro como o alinhamento em bloco ao governo central poderia trazer prestígio aos dirigentes baianos. De fato, como será visto adiante, Góis Calmon e alguns parlamentares viram na vinda de Umberto um reconhecimento especial de Bernardes ao grupo que assumiu o poder a partir de 1924, sobretudo após o presidente enviar a Salvador, no *São Paulo*, o seu próprio filho, o ministro Pacheco e o embaixador Badoglio, para participar das homenagens ao príncipe.

Já na Bahia, sobretudo na segunda visita, seus dirigentes e a imprensa esforçaram-se para mostrar ao príncipe do Piemonte e ao Brasil que Salvador não era apenas um porto seguro para abastecimento de água e carvão. Melhor ainda do que uma população “ordeira e pacífica”, havia na cidade uma elite – uma sociedade – digna de uma visita principesca. Como se verá no próximo capítulo, obedeceu a esse princípio a organização do cronograma, a escolha dos locais a serem percorridos e visitados pelo príncipe etc.

### Capítulo III: Os eventos públicos da recepção

A passagem de Umberto por Salvador, em julho, não teve o mesmo caráter do seu retorno, em setembro. Como a revolta em São Paulo começou quando a esquadra italiana já se dirigia ao Brasil, a sua primeira parada no porto de Salvador foi, de certa forma, improvisada e atendia prioritariamente à necessidade de abastecer os navios com água e carvão, visto ser impossível completar sem escalas a viagem de Dakar a Montevideu, ou Buenos Aires. Assim, embora Umberto fosse o futuro rei da Itália, em sua primeira passagem por Salvador ele não representou, em caráter diplomático, o seu país, razão por que permaneceu “incógnito” no *San Giorgio*.

Em tais circunstâncias, não se esperava de Góis Calmon a realização de recepções oficiais ao visitante. Além de não se tratar de visita diplomática, não haveria tempo suficiente para preparar uma recepção oficial e, mesmo estando em Salvador, naqueles dias, mais segura do que Rio, São Paulo (além de Aracaju, pois a revolta ainda não havia sido debelada nesse momento), as autoridades ainda prometiam agir contra a circulação insistente dos “rumores” pela cidade. Depois da chegada de Umberto, por exemplo, o governo mandou publicar que a polícia estava disposta a tomar “as mais enérgicas e severas medidas” contra os boateiros que, em cafés e restaurantes, andavam espalhando notícias “inverídicas” sobre os acontecimentos políticos do momento.<sup>66</sup>

Com o envio do telegrama do Governo Federal solicitando uma recepção básica a Umberto, Góis Calmon, então, entrou em contato com o cônsul italiano na Bahia Fernando Scaldaferrri e lhe encarregou de organizar um programa de recepções, com a participação das autoridades públicas.

#### A estadia de julho

Os navios italianos chegaram a Salvador na manhã de sábado do dia 26 de julho e partiram na quarta-feira, dia 30. Já no primeiro dia, o almirante Bonaldi desembarcou e dirigiu-se ao Palácio da Aclamação (residência oficial do governador), onde foi apresentado a Góis Calmon. Após os cumprimentos, os italianos (inclusive o príncipe) e as autoridades locais desembarcaram sem solenidades no cais. O grupo ali reunido para ver Umberto não o distinguiu entre os demais por ele trajar discretas roupas civis.

---

<sup>66</sup> A Tarde. “Acautelem-se os boateiros”. 26/7/24. p. 1.

As autoridades, sem demora, subiram em reluzentes automóveis e fizeram rápido giro pela cidade. No primeiro carro, seguiram Umberto, Bonaldi, Scaldaferrì, um tenente baiano posto à sua disposição e outros oficiais italianos, enquanto nos demais vinham, entre outros, o delegado de Salvador Pedro Gordilho e o oficial italiano Rodolfo Bruzzi, ambos responsáveis pela segurança de Umberto.

Seguiram então do bairro do Comércio, onde ficava o porto, em direção à Cidade Alta através da Ladeira da Montanha e em seguida, pelos bairros centrais de São Pedro e Piedade, pelo Campo Grande e pela Vitória. Desceram então a ladeira da Barra e, passando pelo forte de Santo Antônio, seguiram para Ondina, onde ficava, na época, o monumento do Cristo, erguido pelo genovês Pasquale de Chirico, a pedido de um desembargador da cidade. Em seguida, retornaram.<sup>67</sup>

À tarde, o príncipe foi conduzido a um passeio pela estrada de Camaçari, afastando-se da cidade. Em tal passeio, o visitante deve ter reparado a vegetação tropical da Bahia, mas o principal objetivo parece ter sido o de conduzi-lo (militar que era) aos campos da Batalha de Pirajá, considerada a principal das lutas da Independência do Brasil na Bahia.

À noite, houve espetáculo em homenagem a Umberto no Politeama Baiano, que se tornara a principal casa para apresentações após o incêndio do antigo Teatro São João em 1923. Foi nessa noite que a “sociedade” baiana foi apresentada ao príncipe, que do camarote do governador e em sua companhia, recebeu ao fim da apresentação os aplausos da plateia e dos artistas da companhia espanhola Velasco, em temporada em Salvador.

Na segunda-feira, o príncipe visitou alguns edifícios do centro da cidade. Primeiro, o “templo local do civismo baiano”, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), quando visitou o museu da instituição e foi conduzido à torre do edifício, então o ponto mais alto de Salvador. Segundo relato dos jornais, Umberto ficou encantado com a paisagem que se descortinou diante dele, formada pelo telhado dos casarões do centro e os pontos mais salientes da Ilha de Itaparica, no lado oposto à cidade e separada pela Baía de Todos Santos. Em seguida, Umberto se dirigiu à Praça XV de Novembro (Terreiro de Jesus), onde visitou a centenária Faculdade de Medicina, a antiga Catedral Basílica e o convento de São Francisco, um pouco mais adiante.

---

<sup>67</sup> Bahia. *Diário Oficial do Estado: edição comemorativa ao centenário da Independência da Bahia* (fac-símile). Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2004. p.

Essa primeira visita incluiu ainda recepções da comunidade italiana no Círculo Italiano e da “fina flor” da sociedade local no Clube Baiano de Tênis. Nesse último, e livre das restrições protocolares, Umberto dançou animadamente o jazz com as senhoritas criadas na escol soteropolitana.

Por sua vez, os marujos italianos, segundo o *A Tarde*, encheram a cidade, animando seus cafés e cinemas, para onde acorreram em bandos – alegres, comunicativos – mas “sem quebra da correção militar”. Mais tarde, tanto eles quanto a oficialidade se deliciariam com os charutos baianos – plantados e produzidos no Recôncavo –, que o governador lhes enviaria em sinal de hospitalidade.<sup>68</sup>

Na terça-feira, o príncipe permaneceu no *San Giorgio*, de luto em resguardo ante a passagem da data da morte do avô, o rei Umberto I, assassinado num atentado anarquista em 1900. No dia seguinte, antes de partir, membros da comunidade italiana foram convidados a uma recepção a bordo do navio, com a presença de Umberto.

### **A segunda visita e o envio do *São Paulo***

Certamente a animação causada pela estadia de Umberto em Salvador, entre 26 e 30 de julho, quando de sua primeira permanência, ficou relativamente restrita à imprensa e àqueles poucos a quem foi permitido um contato mais próximo com o visitante. Mesmo a imprensa não teve tempo para uma maior propaganda de sua pessoa; os seus embarques e desembarques, assim como os passeios por Salvador, em trajas civis, eram pouco concorridos e sem qualquer solenidade; o governo ou a prefeitura não decretaram feriados em suas repartições; na maior parte do tempo, aliás, Umberto permaneceu a bordo do *San Giorgio*.

Já em setembro, a empolgação foi bem maior. Como a visita foi oficial e ao ser avisado da mesma com certa antecedência, o governador moveu mais recursos humanos e materiais a fim de organizar um programa de festas maior.

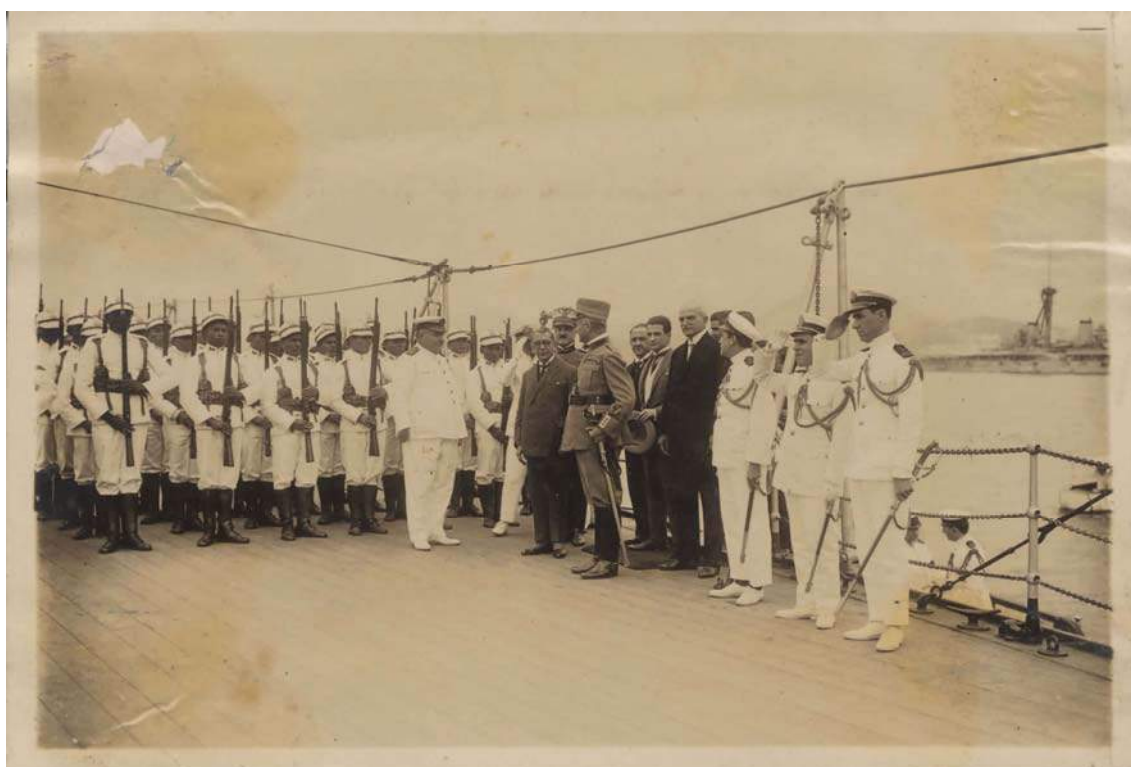
Interessado em conferir maior destaque ao evento, Góis Calmon convidou o ministro das Relações Exteriores Félix Pacheco a participar da recepção, o qual, além de chefe político de um estado nortista (Piauí), entrara para o ministério Bernardes graças à indicação de um baiano, Rui Barbosa.<sup>69</sup> O governo federal, que pode ter visto na ideia a oportunidade de amenizar o embaraço causado pelos dois adiamentos da visita, não apenas concordou em enviar à Bahia, a bordo do *São Paulo*, o ministro Pacheco, mas

---

<sup>68</sup> *A Tarde*. “O Príncipe Passeio na cidade”. p.1 e “O Príncipe Incógnito”. p. 3, ambas de 28/7/24.

<sup>69</sup> Magalhães, Bruno. *Artur Bernardes: estadista da República*. Rio de Janeiro: 1973. p. 156-157.

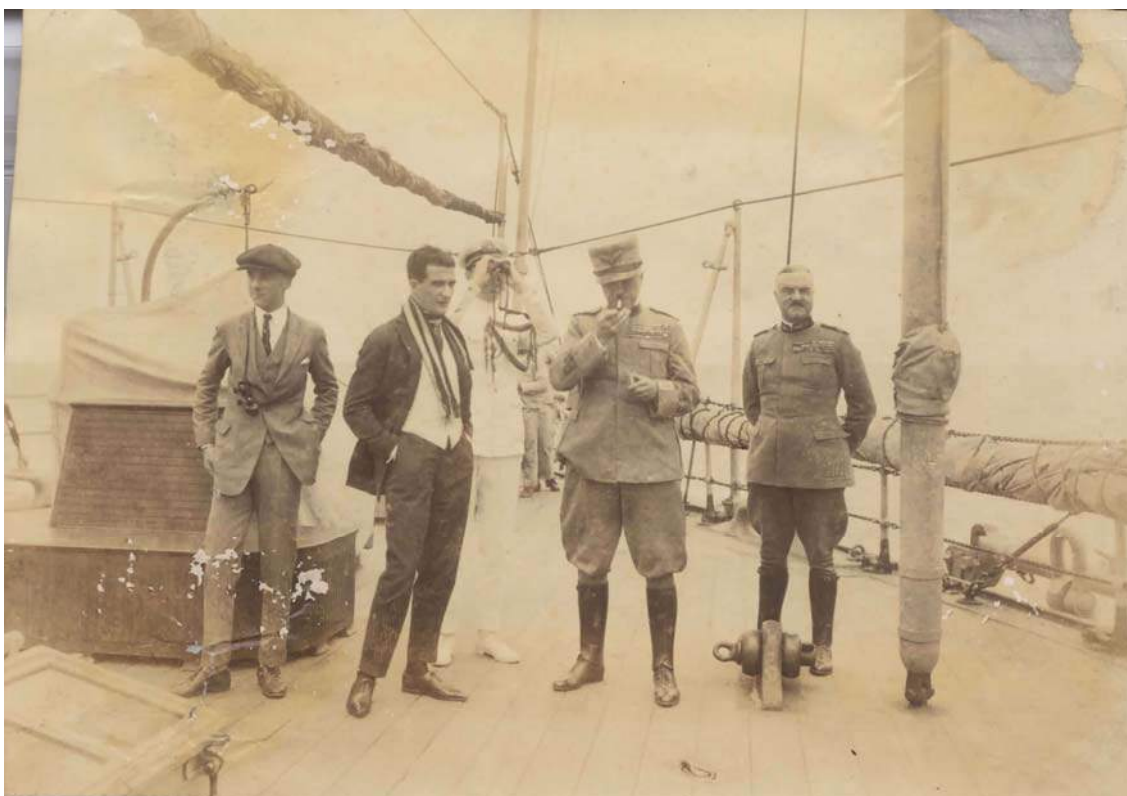
também destacou Artur Bernardes Filho (secretário particular e filho do presidente), o embaixador Badoglio e o almirante José Maria Penido. Este, além de concunhado de Góis Calmon e, portanto, homem ligado à Bahia, fora o comandante em Santos da repressão da armada brasileira aos revoltosos de São Paulo. Veio a Salvador como chefe da armada brasileira. Badoglio veio acompanhado do seu filho, de Domenico Siciliani (adido militar) e o filho deste. Félix Pacheco, por sua vez, trouxe o cônsul Joaquim Eulálio, seu chefe de gabinete. Também Miguel Calmon – cuja presença no ministério deve ter contato a favor da escolha de sua terra natal (governada por seu irmão) para receber Umberto – enviou Francisco Coelho, seu representante pessoal nas festas. Como mostra a foto a seguir (foto nº 5), Miguel e os congressistas da Bahia Otávio Mangabeira e Pedro Lago estiveram presentes na partida do *São Paulo* do Rio de Janeiro.<sup>70</sup>



5 – Embarque da comitiva enviada pelo presidente da República à Bahia, no Rio de Janeiro. Vêm-se, costas para a tropa, Githay de Alencastro, comandante do *São Paulo*; embaixador Marechal Pietro Badoglio, farda cáqui, com a mão sobre a espada; ministro das Relações Exteriores Félix Pacheco, de terno e conversando com Badoglio; adido militar à Embaixada Italiana Domenico Siciliani, depois de Félix Pacheco; ministro da Agricultura Miguel Calmon, o mais alto de terno preto; Artur Bernardes Filho, depois de Miguel Calmon e seguido do Cônsul Joaquim Eulálio, chefe de gabinete do ministro do das Relações Exteriores. Perfilada, apresentando armas, a marujada, talvez fuzileiros navais. Rio de Janeiro. 9 de setembro de 1924.

<sup>70</sup> *A Tarde*. “O ministro Félix Pacheco e o embaixador Badoglio já embarcaram no Rio”. Salvador. 8/9/24. p. 5. *A Tarde*. “A 2ª visita do príncipe Umberto.” 9/9/24. p. 1. A trajetória de Miguel Calmon, inclusive sua entrada no ministério Bernardes, pode ser foi analisada em: Calmon, Pedro. *Miguel Calmon: uma grande vida*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1983.

De fato, o envio das autoridades federais aquilatária a recepção a Umberto, pois não era todo dia que um ministro, um filho do presidente e um herói de guerra italiana afastavam-se do Rio de Janeiro e ainda mais numa embarcação como o *São Paulo*. Entre os mais empolgados, a presença de Pacheco, em missão diplomática de grande importância, deu impressão de que Salvador, de certa forma, tornava-se a capital da diplomacia brasileira, ao menos durante alguns dias.



6 – Fotografia tirada a bordo do couraçado *São Paulo*. Artur Bernardes Filho, de cachecol; Badoglio, fumando; e Siciliani, último à direita. Foto batida na viagem de ida (entre 9 e 12 de setembro de 1924) ou de retorno (sem data).

Para registrar os momentos significativos, vieram a bordo do *São Paulo* profissionais da *Revista da Semana* e da empresa cinematográfica Botelho Film, ambas localizadas no Rio de Janeiro. A primeira, criada em 1900 por Álvaro Teffé, inaugurou o surto das revistas ilustradas e de variedades que se prolongaria por décadas durante a I República. Visando atingir o maior número de leitores possível, o periódico investia na variedade dos temas e na fotografia, que ocupava espaço privilegiado nas páginas, não

sendo por acaso que os seus representantes na visita, Botelho Filho e Joaquim Vieira, eram fotógrafos.<sup>71</sup>

Da Botelho Film, localizada num dos mais modernos estúdios da América do Sul, vieram José Alves Neto e Augusto Botelho, seu fundador e um dos principais cinematografistas da época, com mais de dez filmes produzidos, entre obras de enredo e jornalísticos, como a película da posse de Artur Bernardes na presidência da República (1922). Botelho, que foi o segundo a fazer filmes no Rio de Janeiro e o primeiro a produzi-los em São Paulo, ambicionava tornar o Brasil um grande centro de produção cinematográfica.<sup>72</sup>

O filme que produziria na visita, “O Príncipe Herdeiro da Itália em Terras do Brasil”, foi um filme jornalístico encomendado pelo poder público federal. Mostra, em sequência, as principais cenas da viagem a Salvador, a bordo do *São Paulo*, os embarques e desembarques de autoridades, as apresentações oficiais, os passeios e recepções a Umberto, jantares. Durante o mês de novembro de 1924, a produção seria exibida, pelo menos, em 4 cinemas paulistanos.<sup>73</sup>

A viagem desses profissionais a Salvador, além de demonstrar a relevância da presença de Umberto para as autoridades brasileiras, contribuiu, através do uso da tecnologia, para maior brilho da recepção.

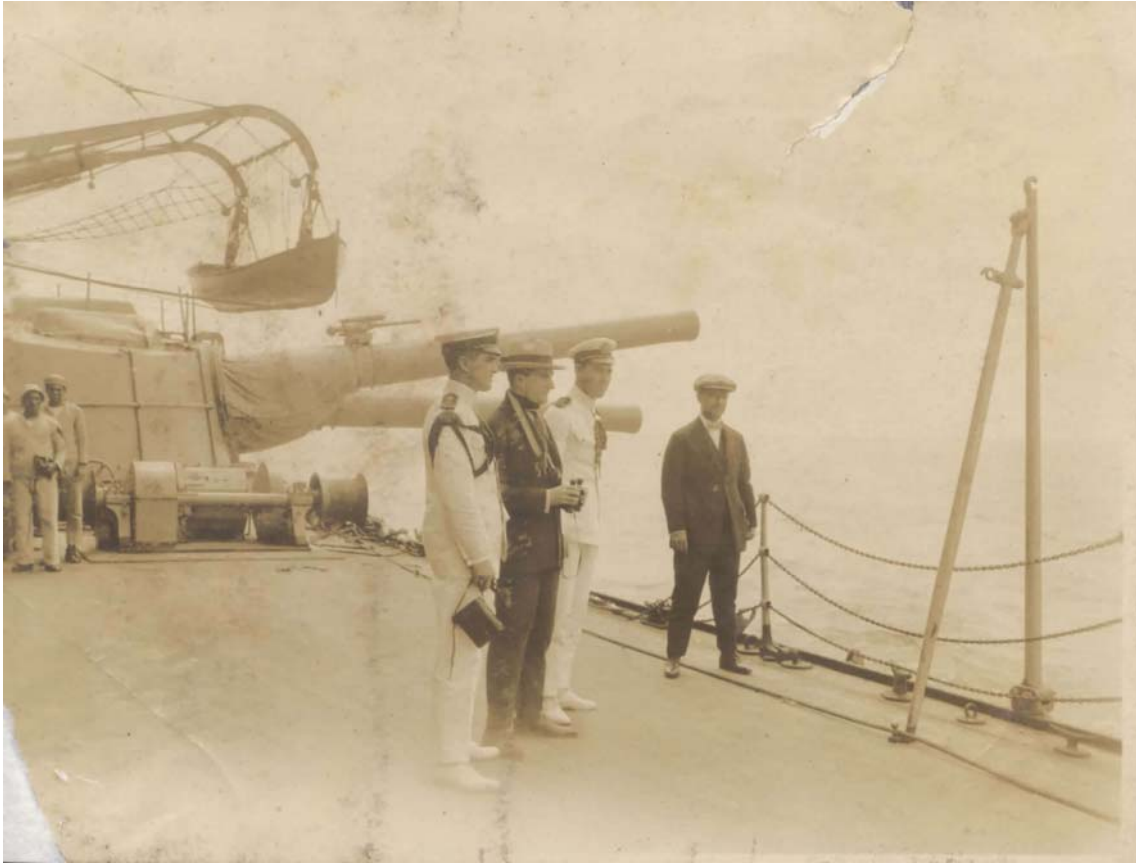
---

<sup>71</sup> Luca, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contextos, 2006. p. 121.

<sup>72</sup> Lima, Pedro. O Cinema no Brasil. *Revista Selecta*, Rio de Janeiro, nº 30, vol. 10, Julho de 1924.

<sup>73</sup> Disponível em: <cinemateca.gov.br>. Acesso em: 19/7/24.





7 – Em frente aos canhões do *São Paulo*, aparecem os civis Artur Bernardes Filho, de chapéu de palha, e Francisco Coelho, de boina. No canto da esquerda, aparecem marujos, interessados na máquina fotográfica e na cena.

Também os fotógrafos, em conjunto, registrariam os acontecimentos da visita desde a partida do *São Paulo* do porto carioca, passando pela viagem de ida e volta e as festas ao príncipe. Ainda durante a permanência de Umberto na cidade e a pedido de Góis Calmon, a Imprensa Oficial do Estado reuniria mais de 50 registros da participação do príncipe nos eventos e lhe ofereceria como presente.<sup>74</sup> Ao presidente Artur Bernardes parece ter sido prestada homenagem semelhante, pois quase todas as fotos empregadas nesse trabalho (com exceção das fotos nº 13 e nº 17) estão depositadas no Fundo Artur Bernardes do Arquivo Público Mineiro.

Assim, os primeiros trabalhos realizados por esse fotógrafos foram a bordo do *São Paulo*.<sup>75</sup> De imediato, chama a atenção nas fotos o destaque dado à tripulação e ao próprio navio, em detrimento do fundo (o céu e o mar), que desaparece dos registros, seja por intenção do profissional, pela tecnologia empregada, pela posterior conservação dos documentos ou mais precisamente pela combinação desses três fatores. Nas fotos,

<sup>74</sup> DOEBA. “Príncipe Umberto di Savoia”. 18/9/24, p. 7330.

<sup>75</sup> Não é possível identificar com certeza quais fotos foram batidas na ida e quais na vinde Salvador.

percebe-se claramente a hierarquia entre a tripulação. Em primeiro lugar, deu-se maior destaque às autoridades que aos marujos, os quais aparecem apenas em algumas fotos, nunca são personagens individuais e em geral estão em grupos, distantes e nos cantos das fotos, bem como longe do proscênio. Já com as autoridades, o procedimento é outro. Elas aparecem mais frequentemente nos registros, no centro da fotografia e na mira das lentes. Com isso registram-se melhor suas vestimentas, suas faces e suas poses, claramente ensaiadas em alguns casos, como o do cônsul Joaquim Eulálio (foto nº 9). Nesse caso, a concepção estética do fotógrafo contém, de certa forma, uma leitura do lugar social que cabe aos diferentes indivíduos. Apesar do olhar e das poses tão classistas (das autoridades e dos fotógrafos), o registro nº 8, ainda que colocando chefes e marujos em planos distintos, parece fugir da seriedade. Ela registra uma atividade inusitada: num ringue improvisado, uma luta ocorre entre dois marujos, luta esta assistida pelas autoridades.



**8 – Uma das fotografias mais interessantes da visita. As autoridades assistem, confortavelmente sentadas, a uma luta de boxe entre dois marujos num ringue improvisado na proa do *São Paulo*. Veem-se, da esquerda para a direita, Badoglio, Pacheco, Penido e Artur Bernardes Filho.**

Destacando detalhes como botes, cordas, cabos, faróis, antenas e principalmente os poderosos canhões do *São Paulo*, os fotógrafos parecem ter captado a relevância da

belonave no esforço do governo federal de conferir prestígio e segurança à visita de Umberto. Lançado ao mar em 1909 num estaleiro britânico, o navio fora no ano seguinte incorporado à Armada e, apesar de se tornar obsoleto tempos depois, era visto como um dos couraçados mais poderosos na época de sua aquisição. A sua compra, assim como a do *Minas Gerais*, fazia parte de um plano geral de modernização da armada, iniciado em 1904 e concluído pelo almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha de Artur Bernardes. Ao ser trazido para o Brasil, o navio transportou da França para o Rio de Janeiro o presidente Hermes da Fonseca, que depois o usaria para viajar pelo Brasil, inclusive para uma visita à Bahia em julho de 1911. Em 1920, foi encarregado de transportar os reis da Bélgica Alberto I e Elizabeth, por ocasião da visita que fizeram ao Brasil no final daquele ano, quando o governo gastou grande fortuna para sua ornamentação. No retorno daquela viagem, o *São Paulo* trouxe da Europa os restos mortais dos imperadores D. Pedro II e Tereza Cristina.<sup>76</sup>



9 – Cônsul Joaquim Eulálio e tenente Alves de Souza (oficial da marinha e membro da comissão que organizou a recepção a Umberto no Rio) posam em confortáveis poltronas de vime, à bordo do encouraçado *São Paulo*, cujos canhões aparecem em destaque. Ao fundo, estão os marinheiros, sem muitas tarefas para cuidar. (sem data).

---

<sup>76</sup> Disponível em: <[www.naviosbrasil.com.br](http://www.naviosbrasil.com.br)>. Acesso em 14/3/12. Ver também: Caulfield, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp. 2000. p. 112.

Por essa razão, a presença do *São Paulo*, ao lado do *San Giorgio* e do *San Marco*, deve ser destacada, inclusive o uso dos seus canhões para as salvas de do protocolo diplomático e os seus faróis para dar um toque feérico à cidade de Salvador e seu porto, durante a noite. Não por acaso, foi incorporado no programa das festividades a abertura do navio brasileiro à visita pública.

### **Preparativos da recepção**

Confirmado o envio do *São Paulo* e sua ilustre tripulação à Bahia, Góis Calmon lançou uma mensagem à sociedade solicitando que a mesma secundasse o esforço do governo em seu afã de recepcionar o príncipe herdeiro. Disse, no documento, que cabendo à Bahia a “insigne honra” de hospedar S.A. Real, sentia-se no dever de lançar um “apelo” ao povo, à imprensa e às “classes conservadoras” para que eles, mantendo as “tradições de hospitalidade” da Bahia, colaborassem com o governo no esforço de dar “o maior brilhantismo” às boas vindas aos visitantes. Mais adiante, informava que o comparecimento do ministro Pacheco, do embaixador Badoglio e de Artur Bernardes Filho eram uma demonstração de confiança no “espírito de ordem” do povo baiano.<sup>77</sup> Com essa fala, Góis Calmon deixava clara a relação entre a designação de Salvador para a recepção e a reação da Bahia diante das rebeliões militares.

A resposta da imprensa ao pedido do governador foi, pelo que revelou a pesquisa, positiva. Entre os jornais da capital, os dois únicos que talvez não respondessem ao apelo do governador seriam o *Correio do Povo*, editado por um aliado da oposição seabrista, e o *Diário de Notícias*, dirigido por Altamirando Requião. É difícil, devido à carência de fontes, estabelecer de modo claro o posicionamento político do *Correio* no contexto da revolta de São Paulo, a não ser indiretamente através da publicação do *A Tarde*, que o denunciou como porta-voz de indivíduos simpáticos à rebelião. Ao ler, porém, o seu editorial de 3 de junho de 1925 (quando reapareceu alegando defender a mesma linha de 1924), observa-se que o jornal, mesmo com declarações de neutralidade, mostra simpatias pela facção seabrista. Situa Antônio Moniz e seu primo Moniz Sodré no campo da esquerda e apresenta-se como “órgão do povo, pelo povo e para o povo – protetor dos humildes, dos carecidos de justiça e adversário tenaz dos potentados, dos malfeitores, dos cínicos e dos hipócritas”. Tal alinhamento, conjugado com a aparente fidelidade ao seabrismo, pode constituir indício de um constante

---

<sup>77</sup> *O Imparcial*. “A Visita do Príncipe Umberto à Bahia”. 9/9/24. p. 3.

crescente dessa facção a uma postura mais heterodoxa, a qual se manifestara-se nos sucessos de julho de 1924 e, talvez, tenha-se estendido no mínimo até 1925. Entretanto, conforme visto, esse jornal, em 1924, foi fechado pela polícia, o que calou possíveis críticas em torno da recepção a Umberto.<sup>78</sup>

Quanto ao *Diário de Notícias*, uma carta trocada entre um correligionário político e seu diretor revela simpatias por Seabra e estranheza aos Calmon. Entretanto, por razão desconhecida, o *Diário* não apresentou um posicionamento dissonante diante dos preparativos da festa.<sup>79</sup>

Foram pesquisados, ainda, o *Diário da Bahia*, o *A Tarde* e o *Democrata*. O primeiro, do deputado federal Geraldo Rocha, apoiava o governo e o segundo, pertencente a Simões Filho, militava no situacionismo pela primeira vez desde sua fundação em 1912. Já o *Democrata*, embora tivesse no passado sido órgão oficial do seabrismo (o que levou a consulta do mesmo em busca de uma voz dissidente) parece ter-se conservado nas mãos dos ex-seabristas que abandonaram Seabra quando o mesmo, em 1923, retirou seu apoio à candidatura Góis Calmon. Indícios desta hipótese é que o jornal continuou a publicar informes oficiais de órgãos do governo e que a facção seabrista-monizista teve de criar um novo jornal (*O Jornal*) para defender suas ideias. De um modo ou de outro, o *Democrata*, apesar das expectativas iniciais, respondeu positivamente ao chamado do governador.

Com tal alinhamento, esses jornais, ao lado do *Diário Oficial do Estado da Bahia* e outros menores, possuíam uma versão apropriada para o aparecimento de Umberto em Salvador. Os jornais disseram que Umberto zarparia rumo ao Brasil com o fito de agradecer pela hospedagem que o país vinha dando aos imigrantes italianos ou receber homenagens pelo trabalho que os mesmos realizaram em São Paulo e outras regiões. Em outros momentos, apontavam os laços de raça e partilha de uma mesma civilização latina por brasileiros e italianos sugerindo assim a ideia de uma visita de

---

<sup>78</sup> *Correio do Povo*. “Na estacada” e “O sr. Antônio Moniz e a liberdade de imprensa”. 3/6/25. p. 1. Disponível em <memoria.bn.br>. Acesso em: 15.10.12.

<sup>79</sup> “Estou encantado com as estrondosas recepções ai [em Salvador] e no Rio, feitas ao velho Seabra. Por conveniência, muita gente engoliu o [Góis] Calmon, mas lhe afirmo que este concorreu [com seu governo] para que melhor se pudesse conhecer a necessidade de sua [de Seabra] volta. A experiência foi cruel!”. Carta de A. Ganido a Altamirando Requião. s/d. Academia de Letras. Pasta de Altamirando Requião. Anos depois, Requião publicaria uma série de artigos de crítica a um empréstimo contratado em 1923 pelo Tesouro do Estado e o Banco Econômico da Bahia.

reconhecimento. Com esse discurso, a imprensa oferecia sua versão para a visita, embora não revelasse outros interesses, mais pragmáticos.<sup>80</sup>

Mais importante do que isso, porém, era o reforço dado pela imprensa à ideia, presente nos discursos oficiais, de que, com a transferência das recepções do Rio para a Salvador, a Bahia fora honrada com a atribuição de realizar, em nome da República, uma missão política de alto valor: sediar a representação diplomática da Nação perante um futuro rei, o que possivelmente pode ter avivado corações e mentes. Se a Bahia perdera para o Rio, a condição de capital, mesmo que de modo efêmero, era agora o Rio quem perdia para a Bahia.

Essa empolgação foi ainda alimentada pela divulgação de uma série de notícias mais concretas sobre a transferência do evento para a Bahia, a vinda do *São Paulo* e de sua tripulação, mas também os preparativos que o governo e a intendência realizavam, a recepções e passeios que seriam incorporados ao programa e etc.

Enquanto a imprensa cumpria seu papel, o governador e seus auxiliares, ajudados pelo consulado da Itália, iniciavam os preparativos das festas. Ainda que o programa precisasse da aprovação de Roma, para o que o ministro e o embaixador Badoglio entrariam em contato com o palácio Quirinale, começou, antes da chegada do *São Paulo*, a escolha de alguns lugares e eventos para compor o cronograma. No dia 10 já era do conhecimento público que haveria dois *garden parties* no Clube Baiano de Tênis e na Associação Atlética, além de se cogitar a realização de um passeio marítimo e de um baile no Palácio da Aclamação. Previa-se também a realização de uma festa pela comunidade italiana, também no Baiano de Tênis, e na qual alguns artistas dançariam a tarantela, ritmos tradicionais espanhóis e portuguesas, além do maxixe.<sup>81</sup>

Informado por Pacheco sobre quem seriam seus companheiros de viagem, Góis Calmon começou a preparação das hospedagens. Convocou, segundo o *A Tarde*, um “exército de empregados” para limpar e polir cada canto do Palácio da Aclamação. Mandou instalar nova iluminação e telefones em seus cômodos, transferindo ao mesmo

---

<sup>80</sup> As referências sobre o trabalho dos italianos e os laços de raça e civilização encontram-se dispersas nos jornais baianos. Quanto aos laços de raça e civilização, ver: *Diário de Notícias*. “Orazione All’ Italia” e o discurso do governador da Bahia, Góis Calmon, proferido no momento em que a esquadra italiana estaciona na Baía de Todos os Santos. Salvador. 13/9/24. p. 1; *A Tarde*. “Buoni Auguri”. Salvador. 15/9/24. p. 1. *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Hóspedes Ilustres”. Salvador. 12/9/24. p. 7164. Sobre o trabalho da comunidade italiano no sul, ver: *O Democrata*. “As manifestações da Bahia à Itália”. 14/9/24. p. 1. *Diário de Notícias*. “O príncipe Umberto”. 23/8/24. p. 3 “A Visita Oficial à Bahia do Príncipe”. 9/9/24. p. 2; *Diário de Notícias*. “A Visita de Sua Alteza Real o Príncipe”. 10/9/24. p. 1. Outras referências, menos frequentes, foram notadas. Nessa mesma página, *O Diário de Notícias*, por exemplo, mencionou uma visita anterior de Epitácio Pessoa à Itália.

<sup>81</sup> *O Democrata*. “A Visita do Príncipe Umberto de Savoia”. Salvador. 11/9/24. p. 1.

tempo sua família e alguns pertences para sua residência particular, o Palacete do Caquende, no bairro de Nazaré (hoje sede da Academia de Letras da Bahia).<sup>82</sup> Trouxe de sua casa as melhores peças de sua valiosa coleção de móveis em jacarandá e vinhático, esculturas religiosas, cristais, prataria, porcelanas e quadros de pintura e com tudo isso mobiliou os vários cômodos da ala direita do Aclamação, destinados de início ao príncipe. Entretanto, como Umberto não aceitou a hospedagem oficial (do que foi Góis Calmon avisado com a devida antecedência), o ministro foi hospedado nessa parte do prédio, enquanto na ala esquerda ficaram o embaixador Badoglio, seu filho e seu secretário (provavelmente Siciliani). Além disso, Góis Calmon encomendou a confecção de um escudo italiano, a ser montado no obelisco situado no jardim frontal do Aclamação, e uma bandeira italiana, a ser fixada na grande mangueira existente em seus jardins, ambos cheio de luzes com as cores da Itália. O governador também reservou os cômodos de luxo da pensão *Beau Sejour* e do Hotel Meridional para acomodar os demais visitantes.<sup>83</sup>

Por sua vez, a Intendência Municipal assumiu a responsabilidade de preparar as principais vias a serem percorridas por Umberto. Em cada poste da Avenida 7 de Setembro, do Forte de São Pedro (onde ficava o Palácio da Aclamação) até a praça XV de Novembro, no centro da cidade, seria fixado um escudo exibindo as cores nacionais italianas e brasileiras e ladeado pelas bandeiras dos dois países. No momento em que Umberto passasse por essas ruas, seriam estendidas bandeiras do Brasil e da Itália em várias de suas janelas. No final da Ladeira da Montanha, que é o começo da Avenida 7, foi erguido também um grande arco, cheio das cores e bandeiras italianas e brasileiras. Simultaneamente, o prefeito cuidou da conservação das milhares de lâmpadas colocadas nas fachadas dos principais edifícios públicos para a comemoração do centenário do Barão de Macaúbas, ocorrida dias antes. Além do Aclamação, estavam especialmente iluminados o Palácio Rio Branco, o Paço Municipal, a Biblioteca Pública, a Secretaria de Agricultura, a Loteria Federal, a Imprensa Oficial e o próprio arco da Ladeira da Montanha.<sup>84</sup>

Como se vê, a luz elétrica foi importante para as recepções, num momento em que, de certa forma, ainda era um luxo – ou um conforto para poucos –, numa Salvador

---

<sup>82</sup> Sobre o Palacete do Caquende, ver Boaventura, Edivaldo Boaventura. *O Solar Góes Calmon*. Salvador: Academia de Letras da Bahia. 2004.

<sup>83</sup> *A Tarde*. “A hospedagem principesca em ablativos.” 10/9/24. p. 1. Ver *Diário Oficial do Estado da Bahia*. 6/9/24. p. 7025

<sup>84</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Iluminação”. 13/7/24. p. 7197.

que sofria vários blecautes devido a erros técnicos e de contratos cometidos nas gestões de Seabra e Antônio Moniz. Como dito anteriormente, ao fundear o *São Paulo* nas águas vizinhas à cidade, os seus poderosos faróis foram direcionados para prédios e a orla, dando um efeito que impressionou os soteropolitanos.<sup>85</sup>

### **A chegada dos visitantes**

Tendo partido do Rio de Janeiro em 9 de setembro, o *São Paulo* chegou à Bahia numa ensolarada tarde do dia 11, um sábado. O governador havia pedido para que o comércio fechasse as portas. Segundo o *Diário Oficial*, antes da hora de chegada, devido a um atraso imprevisto, muitos transeuntes desde cedo se aglomeravam no comércio e nos pontos da cidade alta que “olhavam para o mar”.

Quando chegou o couraçado, segundo o *A Tarde*, a população se espremia em torno do Cais Comendador Ferreira, sendo o movimento em terra “notável”. O espaço estava cheio de automóveis e autoridades, devidamente separadas da “massa”, notando-se ali o governador do estado com seus secretários; o comandante, oficiais e delegados da polícia estadual; os cônsules da Itália, da Bélgica, da Argentina, dos Estados Unidos e outros países; o coronel Frederico Costa, presidente do Senado Estadual, e outros parlamentares estaduais; oficiais do Exército e representantes do comandante da VI Região Militar; o representante do arcebispo; diretores de escolas privadas da cidade; representantes da Associação Comercial do Estado; uma comissão da Sociedade União Beneficente dos Trabalhadores das Docas da Bahia e etc. Havia ainda uma guarda do Exército e outra da Força Pública, também presente por meio de um grande piquete de lanceiros de sua cavalaria.

---

<sup>85</sup> Sobre os contratos feitos entre o governo da Bahia e empresas particulares nas gestões seabristas, ver: Cunha, Joaci. *O Fazer Político da Bahia (1904-1930)*. Tese de Doutorado em história (UFBA).





10 – Cumprimentos das autoridades da Bahia à comitiva do *São Paulo*, no dia de sua chegada a Salvador. Da esquerda para a direita: cônsul italiano Fernando Scaldaferri (segundo de cartola); Siciliani (fardado); Bráulio Xavier, secretário do Interior e interino de Polícia (governo da Bahia); ministro Félix Pacheco; Badoglio; almirante José Maria Penido, comandante da Armada; Joaquim Wanderley de Pinho, intendente da cidade; Mário Barbosa, chefe de Gabinete do Governo do Governador, representante do mesmo; três oficiais do Exército brasileiro, representantes da VI Região Militar. Salvador. 11 de Setembro de 1924.

Cumprindo o protocolo, foram ao *São Paulo* o secretário do Interior e interino da Polícia Bráulio Xavier<sup>86</sup> (representante do governo da Bahia), o intendente Joaquim Pinho (representante de Salvador), o chefe do gabinete de Góis Calmon, Mário Barbosa (talvez representando o próprio governador), o delegado Gordilho e representantes da Região Militar. Após as saudações, o oferecimento da hospedagem e o convite para desembarcar, feitos por parte de Xavier, as autoridades entraram na lancha e vieram à terra, onde o governador e a multidão os esperavam. No cais, nos principais cumprimentos entre visitantes e anfitriões “toda a assistência prorrompeu em vibrantes salvas de palmas”, sendo erguidos vivas à Itália, ao presidente da República, aos ministros Félix e Miguel Calmon e ao governador do Estado. O embaixador, o ministro e o filho do presidente receberam as continências da 2ª Companhia do 19º BC, que fora lutar no sul contra os rebeldes, e da 3ª Companhia do 1º Batalhão da Polícia.

Bandas de músicas tocaram marchas e um cortejo de vários automóveis, encabeçados pelo *Landauet* do estado, partiram em direção ao Palácio da Aclamação,

<sup>86</sup> O secretário de Polícia e Segurança Pública João Marques dos Reis estava em missão no Rio de Janeiro e em São Paulo. *A Tarde*. “João Marques dos Reis é homenageado na capital da República.” 25/9/24. p. 1

realizando o percurso Ladeira da Montanha – Avenida 7 de Setembro por entre alas formadas pelo povo, que permanecia nas calçadas para dar “vivas” à sua alteza real, o príncipe herdeiro. Vinham nos carros o governador Calmon, Badoglio, Pacheco, Xavier, Mário Barbosa e outros. Ao chegarem no destino, o embaixador, o filho do presidente e o ministro receberam as continências das forças militares que os esperavam. Em seguida, foram introduzidos no palácio, onde o governador exibiu os aposentos reservados aos príncipes, destacando-se o antigo e valioso mobiliário de jacarandá e vinhático. Nos quartos, haviam sido depositados exemplares dos conhecidos charutos do Recôncavo baiano, enviados pelo industrial de Cachoeira R. Gaeschlin.

Entre o final da tarde e o jantar, o ministro F. Pacheco passeou com o governador no *Landolet* do estado, visitando inclusive a sede do Clube Baiano de Tênis. Já Badoglio, Siciliani e Scaldasferri deram algumas voltas pela cidade com o intendente Joaquim Pinho. Segundo o *A Tarde*, outros automóveis com hóspedes haviam percorrido a Avenida 7. À noite, houve jantar no Palácio da Aclamação, com presença dos hóspedes, da família Calmon e amigos.<sup>87</sup>



11 – Jantar oferecido à comitiva do *São Paulo* no Palácio da Aclamação. Sentados, destacam-se (da direita para a esquerda: Joaquim Pinho, Siciliani, Maria Amélia Calmon Teixeira (filha do governador), Penido, M.

<sup>87</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Hóspedes Ilustres”. 12/9/24. p. 7164, 7165 e 7166. *A Tarde*. “Duas Pátrias que se aproximam na Bahia”. 12/9/24. p. 1; *Diário de Notícias*. “A Bahia hospeda altos emissários da União”. 12/9/24. p.1

Julieta Calmon Villas-Boas (filha do governador), Badoglio, Julieta Maia de Góis Calmon (primeira dama do estado), Félix Pacheco, Góis Calmon. Em pé, destacam-se: Gordilho (1º da esquerda para a direita), Joaquim Eulálio (7º da esquerda para a direita), Maria Constança de Góis Calmon (9ª da esquerda para a direita - Tança, filha do governador), Maria dos Prazeres de Góis Calmon (11ª da esquerda para a direita - Zeza), Artur Bernardes Filho (12º da esquerda para a direita), Teodoro Sampaio (13º da esquerda para a direita). Salvador. 11 de Setembro de 1924.

No dia seguinte, no início da tarde, verificaram-se cenas parecidas com a do dia anterior, dessa vez para a chegada de Umberto. Os pontos da cidade alta que avistavam o cais estavam cheios de gente, e quando a esquadra italiana se aproximou do porto, foi saudada pelos canhões do *São Paulo*. A população começou a se movimentar em direção à cidade baixa, onde já se encontravam altas autoridades e seus luxuosos veículos, forças da cavalaria e da infantaria, da polícia e do exército, todos prontos para saudarem o príncipe caso ele pusesse os pés em terra.

Nesse momento, o governador e a comitiva do *São Paulo* jantavam no Palácio da Aclamação. Ao ouvirem as salvas, ergueram um brinde e todos, em automóveis, foram até o porto receber o príncipe do Piemonte. Seguindo novamente o protocolo, Badoglio e Siciliani foram ao *San Giorgio* e Góis Calmon foi visitar o *São Paulo*. Ao terminar a visita, Góis Calmon, acompanhado de Pacheco e de Artur Bernardes Filho, dirigiu-se diretamente para o navio italiano, onde foi recebido por Badoglio ao som do Hino Nacional brasileiro, executado pela banda de bordo. Introduzidos pelo embaixador na câmara de Umberto, o governador e Pacheco cumprimentaram-no em nome, respectivamente, do Governo federal e do governo do estado. Em seguida, Góis Calmon apresentou Umberto a Artur Bernardes Filho. Terminados os cumprimentos e apresentações, as autoridades brasileiras deixaram o navio ao som da troada de salvas diplomáticas de amizade. O príncipe permaneceu a bordo porque era necessária a submissão do cronograma elaborado às autoridades italianas, em Roma, o que foi feito pelo ministro Pacheco e o embaixador Badoglio.

Na mesma tarde em que Umberto chegou, Badoglio e Pacheco, em companhia de Góis Calmon, visitaram o prédio IGHB, subiram à torre do mesmo e admiraram a vista. À noite, no Politeama Baiano, teve lugar a opereta “Frasquita”, encenada pela companhia Velasco, assistida por Badoglio, o governador Calmon, o ministro Félix Pacheco, o almirante Penido e Artur Bernardes Filho.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Príncipe do Piemonte”. 14/9/24. p. 7227; *A Tarde*, “A chegada e o desembarque do príncipe do Piemonte”. 13/9/24. p. 1. *Diário de Notícias*. “É hóspede do Brasil, na Bahia, S.A.R. o Príncipe do Piemonte”. 13/9/24. p. 1.

## **O cronograma**

No dia seguinte, foi publicado no *Diário Oficial* o cronograma das visitas, que privilegiou recepções, banquetes e festas de caráter mais reservado e em ambientes fechados, em detrimento de eventos abertos ao público, apesar da presença de alguns desses, como os passeios de Umberto pela cidade, sua presença numa partida de futebol na Graça e seus embarques e desembarques, bastante concorridos em alguns dias, mas não em todos.

O primeiro desembarque concorrido deu-se na manhã do dia 13, sábado. Já às 9:30, o comércio já havia cerrado suas portas, tendo muitos caixeiros e proprietários dirigido-se ao cais Comendador Ferreira. Mais cedo, o pelotão de lanceiros da Força Pública, em cavalos brancos e pretos, descera para a região do porto, onde passou a aguardar a chegada das autoridades e o desembarque de Umberto. “Verdadeira multidão” foi-se acumulando no local, procurando os melhores lugares para ver o príncipe. O governo, dessa vez, não só havia encomendado o fechamento das portas do comércio, mas também decretara feriado nas repartições públicas estaduais. Já às 9 horas, o local “regurgitava” de povo e de autoridades, vendo-se presentes as “famílias” da cidade, oficiais, delegações, cônsules, súditos italianos.

De olhos no mar, ouviram as salvas indicando que o príncipe deixava o *San Giorgio*. Viu-se então a lancha que o conduzia aproximando-se aos poucos da terra e, quando ela chegou à escada de acesso ao cais, verificou-se uma cena bem brasileira, flagrada, aliás, por um dos fotógrafos, mesmo que inconscientemente. Em meio à solenidade que cercava o evento, às “ilustres” personalidades ali presentes, seus fraques, suas luvas, chapéus, sapatos e etc., um marujo da armada brasileira, descalço, equilibrava-se na popa da lancha para garantir o atracamento.



12 – Momento do primeiro desembarque de Umberto, em setembro. O príncipe sobe as escadas (de chapéu) seguido por Bonaldi, que ainda se retira da lancha. Um marujo brasileiro, descalço, atraca a embarcação. Salvador. 13 de Setembro de 1924.

Quando Umberto pisou os degraus do cais, “ressoaram” as palmas, tocou-se o Hino Nacional e a “marcha batida”, enquanto toda a soldadesca apresentava armas. Dava-se, desse modo, finalmente, depois de dois adiamentos, duas transferências e alguns pedidos de desculpas da chancelaria brasileira à italiana, a visita do príncipe do Piemonte ao Brasil. Vencido o constrangimento da falta de segurança nas turbulentas cidades do Rio e São Paulo, a Bahia estava em festa.

Após os cumprimentos, organizou-se um cortejo do Bairro Comercial ao Palácio da Aclamação. No primeiro carro, vinham Góis Calmon, Artur Bernardes Filho seguido dos lanceiros da polícia e do carro de Badoglio e Gordilho.

Assim iniciava-se o primeiro passeio de Umberto na visita oficial de setembro, praticamente o mesmo trajeto feito em julho. Os automóveis deixaram o bairro do Comércio e se dirigiram à Ladeira da Montanha, percorrendo-a em direção à cidade alta. Passaram sob o arco montado pela Intendência, por São Bento e entraram na Avenida 7 de Setembro, cortando novamente os bairros de São Pedro, Piedade e Mercês. Nos postes e nas casas particulares destacavam-se as cores e as bandeiras da Itália e do Brasil enquanto nas calçadas, em diversos pontos do trajeto, e mesmo nas

portas e janelas das residências, viam-se grupos de pessoas que assistiam à passagem da comitiva, segundo alguns jornais, dando “vivas”.



13 – Cortejo de automóveis guarnecidos pela polícia e transportando as autoridades do *São Paulo* e da esquadra italiana à cidade alta. Veem-se dois guardas postados em cada porta do primeiro automóvel, que transportava Umberto. Observa-se que o comércio baixou as portas, a pedido do Governador. Bairro Comercial. 13 de setembro de 1924.

Os automóveis seguem até chegar ao Palácio da Aclamação, onde já os esperava uma longa linha de soldados, rijos e em continência à sua chegada. Em seguida, descem dos carros e entram no prédio. Enquanto isso a cavalaria da polícia, aparentemente, “circulava” em frente ao edifício, entre sua porta principal e o povo, que se concentrava no lado oposto da rua. Tempos depois, as autoridades retornaram, entraram nos carros e, num cortejo menor e sem a cavalaria, seguiram em direção ao Cristo, cortando os bairros do Campo Grande e da Vitória, descendo a Ladeira da Barra e em seguida entrando na recém construída Avenida Oceânica, onde ficava o monumento. Todos desceram, trocam alguns diálogos, entram novamente nos carros e fizeram o retorno para o Círculo Italiano, no mesmo sítio do Palácio da Aclamação. O governador seguiu para o palácio e o príncipe, acompanhado de Badoglio e de Bonaldi, participou de uma rápida recepção na colônia italiana. O filme produzido por Botelho mostra nesse momento que do lado de fora do edifício concentravam-se várias pessoas, à espera da entrada e da saída de Umberto.



14 – Autoridades preparam-se para deixar o Cristo, na Barra. No primeiro automóvel, vêem-se Umberto, Artur Bernardes Filho e o governador Calmon. Em primeiro plano, no canto esquerdo da foto, aparecem os fotógrafos e cinegrafistas. 13 de setembro de 1924.

Em seguida, Umberto, Bonaldi e Badoglio retornaram ao palácio. Nesse momento, o governador mostrou a Umberto os aposentos e o mobiliário que haviam sido preparados para ele. Tendo mostrado todos os cômodos, teve início um almoço restrito entre as autoridades brasileiras e italianas...<sup>89</sup>

Outro evento público de importância foi a aparição de Umberto numa partida de futebol na Graça, realizada no dia seguinte, um domingo. Ao entrar no estádio, de automóvel, Umberto recebeu as continências da força policial presente e foi saudado por uma assistência de 10 mil pessoas, segundo o *Diário Oficial*. Sentando-se na tribuna de honra ao lado de Góis Calmon e sua esposa, Julieta Maia de Góis Calmon, Bonaldi, Badoglio, Scaldasferri e Bráulio Xavier, assistiu aos desfiles dos diversos clubes esportivos da cidade e dos marinheiros do *São Paulo*. Em seguida, houve uma partida entre o time do couraçado brasileiro e a Liga Baiana de Desportos Terrestres. No final

---

<sup>89</sup>*Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Decretos”. 13/9/24. p. 7198. *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Príncipe Umberto di Savoia”. 14/9/24. p. 1-2. *A Tarde*. “O Hóspede Real”. 13/9/24. p. 6. *Diário de Notícias*. “É hóspede do Brasil, na Bahia, S.A.R. o Príncipe do Piemonte”. 13/9/24. p. 1.

da tarde, o príncipe retirou-se, sendo saudado, na saída, pela companhia de Guerra da Polícia e pela Escola de Aprendizes Marinheiros.<sup>90</sup>



15 – Recepção ao Príncipe no Círculo Italiano, após o seu desembarque na segunda visita. O príncipe encontra-se no centro, tendo à sua direita (fardado) o marechal Badoglio e à sua esquerda o almirante Bonaldi. Logo à esquerda deste, aparecem o cônsul Scaldaferrri (com lenço branco no peito) e ao seu lado Pedro Gordilho. 13 de setembro de 1924.

Como Umberto declinou das hospedagens oferecidas pelo Governo, em todas as vezes em que ele participava dos eventos organizados em terra tinha de desembarcar e embarcar no cais, bem como saltar e entrar nos automóveis que o conduziam. Num e noutro lugar, a população continuou a aparecer para vê-lo. Entretanto, nesse momento, Umberto aparecia rapidamente em público e logo em seguida entrava no automóvel, no prédio que o recebia ou na lancha que o levava ao *San Griogio*.

Um desses passeios, mais discretos, ocorreu na quarta-feira do dia 17 e não havia sido previsto inicialmente no cronograma de festas. Umberto dirigiu-se à Bolandeira, a estação de tratamento de água de Salvador. No lugar, pela descrição feita no jornal, não havia concentração de pessoas para ver o príncipe. Após a excursão à represa de água da cidade, Umberto foi conduzido à fábrica de refrigerantes da Fratelli Vita, localizado no

<sup>90</sup> *Diário Oficial do Estado*. “No campo da Graça”. 15/9/24. p. 7254



Bonfim. Na entrada do estabelecimento havia uma concentração de pessoas que saudaram o príncipe no momento em que o mesmo entrava no estabelecimento.<sup>91</sup>

Pela considerável presença de populares nos três principais eventos públicos, isto é, o primeiro desembarque oficial no cais, o passeio pelo Bairro Comercial, Ladeira da Montanha, Avenida 7 e Avenida Oceânica, bem como sua presença na festa esportiva da Graça, pode-se dizer que a tarefa de provocar certa expectativa e curiosidade entre a população pela chegada do príncipe foi bem sucedida. Segundo o *Diário Oficial*, “assunto obrigado de todas as palestras, a vinda do príncipe denotava à saciedade quanto ansiavam todos os corações baianos por ver mais uma vez o jovem [Umberto]”. Deve-se mencionar que a divulgação do evento pelos jornais, iniciada uma semana antes da chegada dos visitantes, não parou com a chegada do *São Paulo* e dos navios italianos, mudando de procedimento a fim de manter a cidade sintonizada com as festas. Nos dias de chegadas das belonaves e de desembarques das respectivas comitivas, os jornais de Salvador anunciaram os acontecimentos em primeiras páginas e em letras garrafais. Acompanharam as informações grandes fotografias de Umberto, do rei Vittorio Emanuele, da rainha da Itália e dos demais visitantes. Através da publicação de textos padronizados, a população leitora inteirou-se dos principais acontecimentos dos 900 anos de expansão territorial da dinastia Savoia e do importante papel desempenhado por Badoglio na Grande Guerra. Outros também falavam de Félix Pacheco e suas atividades como jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras. Além disso, os jornais publicaram o cronograma das festas e, durante a recepção, o que iria ser realizado no dia em que o jornal circulava, além de resenhas e comentários dos principais eventos, inclusive, o que é mais importante, as festas mais reservados, nos quais à maior parte da população não foi franqueada a entrada.

Além da imprensa, o próprio governo fez que o povo aparecesse nas ruas, convocando-o na mensagem oficial, mas também chamando a atenção com a arrumação e iluminação dos edifícios da cidade; alterando sua rotina com o decreto de feriados durante os eventos, solicitando fechamento das portas das lojas do Bairro Comercial, promovendo grande movimentação de tropas pelas ruas etc. Do mesmo modo, a presença dos grandes navios de guerra no porto de Salvador também despertava a curiosidade. Para as autoridades, a presença do povo em certos eventos era fundamental

---

<sup>91</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Príncipe Umberto di Savoia.” 18/9/24. p. 1

para reforçar as boas vindas da Bahia aos visitantes e, de certa forma, para que houvesse plateia para a exibição de poder e prestígio promovida pela recepção.

Apesar desse esforço das autoridades e da imprensa, a confecção do cronograma privilegiou, como dissemos antes, festas, recepções e banquetes em locais fechados, muitos deles bastante reservados. Dessa forma, embora o governo do estado e a intendência tenham procurado mobilizar a população em torno dos desembarques das autoridades do *São Paulo* e de Umberto, o seu passeio pelas ruas e a sua posterior aparição no jogo de futebol da Graça, essas mesmas autoridades, além do próprio consulado italiano, impuseram um claro limite ao contato mais frequente entre Umberto e a população.

Além de os eventos em locais abertos e com maior participação do público terem sido raros no cronograma, mesmo alguns dos abertos ao povo, como o passeio do Bairro Comercial ao Cristo da Barra, mostram outras faces dessa limitação, a começar pela presença ostensiva da polícia no acontecimento. Os vários oficiais do exército e da polícia, além da própria cavalaria, estavam ali para ver o príncipe, como os outros, e para a execução do protocolo, mas certamente também para constranger manifestações mais exaltadas da população. Uma fotografia tirada no momento em que o cortejo se afastava do cais (foto nº13) permite notar que os dois carros dianteiros, onde viajavam as mais graduadas autoridades, eram defendidos pelos soldados da cavalaria. Além disso, o primeiro deles, que transportava Umberto, trazia em seu interior um oficial da polícia e tinha suas portas protegidas por dois guardas armados de cassetete que o acompanharam do Bairro Comercial ao Palácio da Aclamação.

Nesse último, as autoridades descem do carro e, após receber as continências dos vários soldados postados em fila, entraram no palácio. Um trecho do filme de Botelho dá a impressão, indicada acima, de que cavalaria permaneceu “circulando” na Avenida 7, entre a porta do edifício e a população que estava do outro lado, no jardim frontal do palácio.

Do mesmo modo, o único momento em que Umberto permanece fora do veículo e ao ar livre, nesse passeio, é no Cristo, um lugar pouco frequentado na época e mesmo assim permanece acompanhado por militares.

Outro indício do cuidado das autoridades em relação à segurança de Umberto é a constante presença, já assinalada em diferentes momentos, do delegado Gordilho tanto nos eventos em si, sempre próximos às autoridades, quanto nas fotografias. A essa altura, ele já era conhecido na cidade por sua truculência no exercício do cargo e na

manutenção da ordem na cidade. Em muitos momentos, ele estava representando o secretário de segurança pública, então em viagem no Rio de Janeiro e em São Paulo.<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> Sobre Pedro Gordilho, ver o artigo: Lühning, Angela. Acabe com este santo, Pedrito vem aí.... *Revista USP*. Nº 28, Dezembro de 95/Fevereiro de 96.

## Capítulo IV: Os eventos reservados da recepção

Antes, durante e depois de sua realização, a visita de Umberto foi lida, pelo mundo oficial e pela imprensa, como um momento de grande destaque para a Bahia. Segundo tal visão, após ter demonstrado fidelidade e espírito de ordem por ocasião da revolta em São Paulo, a Bahia teria recebido do Governo Federal a responsabilidade de realizar, em nome da nação brasileira, uma missão diplomática de grande importância por sediar, ao menos enquanto o príncipe e Pacheco permanecessem na cidade, a diplomacia brasileira. Já num momento bem avançado das solenidades, por exemplo, o ministro Pacheco afirmou em discurso que era “realmente uma fortuna que a capital do país pudesse ter sido assim, eventualmente, substituída com tanto brilho por outra grande cidade do litoral”, onde segundo ele, “não chegaram nunca os ruídos do negativismo opiniático, que tanto desassossego produz em toda parte e tanto perigo se diverte em criar”.<sup>93</sup>

### Um príncipe na Bahia

Ao menos a primeira ideia, a de que a Bahia havia sido honrada com a atribuição de uma grande responsabilidade, está bem presente num texto publicado no *Diário Oficial do Estado da Bahia*, no qual se afirma que as visitas de Umberto, Badoglio e Pacheco constituíam “uma alta honraria, de que muito se deve desvanecer o nosso povo pela imensa confiança e significativo apreço à cordialidade de seus sentimentos hospitaleiros e à grandeza de sua índole pacífica e ordeira”.<sup>94</sup> Um jornal de Cachoeira de São Félix, ao anunciar à população a segunda transferência da visita para a Bahia, comentou que o estado finalmente voltava a “conquistar o seu grande e indiscutível prestígio no seio da federação”.<sup>95</sup> Semelhante percepção encontra-se em felicitações enviadas a Góis Calmon do Rio de Janeiro pelos deputados governistas Braz do Amaral e Wanderley de Araújo Pinho. O primeiro, ao parabenizar Góis Calmon pelo sucesso dos eventos, assegurou que o mesmo honrava a Bahia, o único lugar do país em que pôde ser recebido o ilustre visitante. Ao pensar nos problemas políticos enfrentados pela Bahia em seu passado recente, o deputado sentia-se consolado ao ver como sua terra havia alcançado realce na ocasião em que precisou representar o Brasil. Já Wanderley Pinho

---

<sup>93</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Banquete ao Exmo. Sr. ministro do exterior.” 20/9/24. p. 7398-99

<sup>94</sup> *Diário Oficial do Estado*. “A Visita do Príncipe Umberto di Savoia”. 9/9/24. p. 7080.

<sup>95</sup> A Ordem. “A visita do príncipe herdeiro da Itália ao Brasil”. 10/9/24. p. 1.

congratulou-se com o governador e assegurou que a Bahia, pelo entusiasmo e distinção com que recebeu os seus hóspedes, achava-se como que “restituída à sua antiga prerrogativa de Capital do Brasil, revivendo os foros de sua fidalguia e dando eloquente demonstração de seu amor à ordem”.<sup>96</sup>

Num tom jocoso, encontra-se também ideia semelhante num verso do poeta Aloísio de Carvalho Filho, o Lulú Parola, escrito depois de realizada a recepção:

Ao depois de seis dias, foi-se embora  
O bisneto do “Il Re Galantuomo”,  
Humberto di Savoia, que é, por ora,  
Apenas príncipe, - o primeiro tomo...

Não lhe posso, em minúcias, dizer como  
Foi ele recebido!... Isso demora;  
E dos versos, que num soneto somo,  
De seis, apenas, eu disponho agora...

Ao Príncipe Real fez-se homenagem  
Principesca, realmente... Em hospedagem,  
O que é a Bahia a tradição já diz...

Mas dando o troco à moeda italiana,  
A *Mulata*, durante uma semana,  
*Bancou* de Capital destes *Brasis!*<sup>97</sup>

Algumas dessas falas demonstram também que a importância do evento estava diretamente ligada às credenciais dos hóspedes, como tem sido sugerido aqui. De fato, naquela época, não era todo dia que um ministro do governo federal, o comandante geral da Armada ou o próprio filho do presidente da República afastavam-se, em missão política, da capital federal. O mesmo seja dito de Badoglio, Bonaldi e talvez o próprio Siciliani, dois oficiais de destaque em seu país de origem, aliás.

Entretanto, na visita, sem sombra de dúvidas, o que deixou mais entusiasmada “a Bahia”, isto é, a imprensa, os dirigentes e os membros das “classes conservadores” (que mais diretamente participaram dos eventos) foi a presença do próprio Umberto. Umberto di Savoia era, além de uma personalidade europeia internacionalmente conhecida, um nobre, ou melhor, um príncipe – e herdeiro! Não de qualquer cantão, mas da coroa italiana. E, ainda por cima, estava em missão política.

---

<sup>96</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia. Fundo Góis Calmon. Telegrama de Braz do Amaral para Góis Calmon. Sem data. Pasta 16, nº 25.

<sup>97</sup>Carvalho, Aloísio de. Nota do Mês. *Revista Esphera*. Ano 1, n 38. Ano 1. Setembro de 1924. p. 16

Daí o significado que para as autoridades baianas e a imprensa tinha a recepção a Umberto. Aquele evento, de fato, “desvanecia-os”, pois tendo uma “alta significação social e política”, elevaria os seus “créditos de povo civilizado”, tanto diante do europeu e do que ele representava, quanto da própria nação brasileira. Tais expressões foram tiradas de um jornal específico, mas indicam bem o que os mais entusiastas que participaram diretamente das solenidades sentiram quando se anunciou o retorno de Umberto.<sup>98</sup>

### **Banquetes e passeio na baía**

No cronograma das festas, foram previstos três banquetes “íntimos” com a presença do príncipe. No primeiro, realizado no dia 13, destacavam-se entre os vários convidados o príncipe Umberto, Bonaldi e oficiais do *San Giorgio*; Pacheco, Badoglio, Penido, Artur Bernardes Filho e outros tripulantes do *São Paulo*; Góis Calmon, sua esposa e mais quatro filhas; Bráulio Xavier, o presidente da Associação Comercial do estado. Na hora em que o champanhe foi servido, o governador disse que a Bahia, “berço da nacionalidade brasileira e de suas tradições” sentia-se “elevada com a confiante distinção que acabara de receber do Brasil”, sendo eleita o lugar em que seria tributada a amizade entre o Brasil e a Itália.<sup>99</sup> O segundo banquete foi um jantar ocorrido a bordo do *San Giorgio* no dia 15 de setembro, dia do aniversário de Umberto, oferecido pelo príncipe ao ministro Pacheco, a Góis Calmon, a Badoglio e a Penido. Apenas autoridades governamentais e oficiais tripulantes do *São Paulo* e dos navios italianos estiveram presentes. Finalmente, no dia 17 de setembro, ocorreu, a bordo do couraçado brasileiro, o último banquete, oferecido por Penido ao príncipe Umberto.

Outro evento previsto no cronograma e de caráter mais reservado foi a realização de um passeio pela Baía de Todos os Santos a bordo do vapor Santo Amaro, da Companhia Baiana de Navegação, na manhã do dia 16 de setembro, terça-feira. O príncipe desembarcou em companhia de Bonaldi e foi recebido no cais por Pacheco, Badoglio e Góis Calmon, sendo em seguida levado ao cais de embarcação para o Santo Amaro, onde já se encontravam “distintíssimas senhoras e senhorinhas e conceituados cavalheiros”. Fizeram parte do passeio, além de Umberto, Góis Calmon, Badoglio e Artur Bernardes Filhos, vários oficiais, tripulantes do *São Paulo* e dos navios italianos, membros do gabinete e do secretariado do Governo estadual, representantes da Região

---

<sup>98</sup> *O Democrata*. “A Visita do Príncipe Umberto di Savoia”. 10/9/24. p. 2

<sup>99</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Príncipe Umberto di Savoia”. Salvador, 14/9/24. p. 7229.

Militar, as filhas de Góis Calmon e suas amigas. O vapor dirigiu-se à Baía de Aratu, onde fundeou e foi servido o almoço, tendo em seguida, no meio da tarde, retornado ao porto de Salvador. O príncipe, depois, seguiu diretamente para o cais em que o esperava a lancha do *San Giorgio* e dirigiu-se ao seu navio.



16 – Fotografia tirada a bordo do *Santo Amaro*, vapor da Companhia Baiana de Navegação, durante passeio realizado na Baía de Todos os Santos. Vêem-se Umberto, Constança Calmon, Maria dos Prazeres Calmon, Pedro Gordilho, Siciliani e Miguel Calmon Sobrinho (o mais jovem na foto). Salvador. 16 de setembro de 1924.

Além de proporcionar às “distintíssimas senhoras e senhorinhas” e aos “conceituados cavalheiros” da sociedade local mais uma oportunidade de convívio com Umberto – fruição reserva em grande medida aos familiares do governador –, o passeio aparentemente pretendia mostrar aos visitantes as belezas naturais do lugar e seus recantos históricos. O próprio filme de Botelho, que contém um trecho gravado nesse evento, mostra não apenas as praias, os morros, a densa vegetação, o céu, mas também velhas igrejas e engenhos de açúcar à margem da baía de Todos os Santos.

Essa exibição de belezas naturais e paisagens históricas lembra a excursão realizada em julho por Umberto à estrada de Camaçari, depois repetida, no dia seguinte, por Bonaldi e outros oficiais do *São Paulo* e do *San Giorgio*. Essa região era bem menos urbanizada em 1924 do que nos dias atuais e ali ficavam os campos da Batalha

de Pirajá, considerada o mais importante enfrentamento entre brasileiros e portugueses nas lutas pela Independência do Brasil na Bahia, tendo os próprios *A Tarde* e o *Diário Oficial do Estado* feito referências tanto à sua paisagem quanto à importância histórica do lugar.<sup>100</sup>

Realmente, a luta pela Independência do Brasil na Bahia (e por extensão sua principal batalha) era, em geral, super-valorizada pelas elites e pelos intelectuais baianos da época, por destacar a Bahia e sua antiga classe dominante açucareira num evento importante da história do Brasil. A menção a esse acontecimento era frequentemente usada para promover as elites baianas no cenário brasileiro. Num discurso proferido em 1922 no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, durante as comemorações do centenário da Independência, Miguel Calmon argumentou, por exemplo, que a independência apenas em território baiano, após receber o batismo de sangue, veio a transformar-se em causa sagrada para todos os brasileiros.<sup>101</sup> Em seguida, comenta que os soldados brasileiros, após a vitória do general português Madeira de Melo nos primeiros combates da luta, procuraram refúgio nos engenhos e propriedades do Recôncavo e, especificamente em relação à Batalha de Pirajá, afirma que a mesma valeu para o exército pacificador [brasileiro] valiosas lições, tais como prevenir de surpresas suas posições, o zelo de prover os postos ameaçados de assalto e desmoralizou os portugueses. Concluiu felicitando os heróis baianos da independência, muitos dos quais, sem dúvidas, eram senhores de engenho do Recôncavo. Era esse tipo de imagem que um passeio aos campos de Pirajá, através da Estrada de Camaçari, poderia evocar. Não por acaso, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, senhor de engenho e líder militar, e Miguel Calmon I, o marquês de Abrantes, são nomes de ruas em logradouros de Ipanema e Flamengo, na capital carioca.

No Recôncavo, o destaque foi para sua exuberante natureza, engenhos e capelas. Aquelas paisagens, assim como os campos da Batalha de Pirajá, certamente incitavam os baianos a relatarem aos seus hóspedes os aspectos mais sugestivos de uma época de glórias para a Bahia.

---

<sup>100</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Passeio a Camaçari”. 18/9/24. p. 7331. *A Tarde*. “O Príncipe passeia na cidade.” 28/7/24. p. 1 Curioso observar que ao visitar o norte do Brasil em 1859 dom Pedro II também foi levado a conhecer os lugares históricos das províncias visitadas. Pinho, Wanderley de Araújo. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Martins Editora. 3ª edição. Sem data. p. 67.

<sup>101</sup> Calmon, Miguel. A Batalha de Pirajá. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Rio de Janeiro. nº 49. 18 1924. p. 233, 238, 254-255, 259-260. O discurso foi proferido numa seção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1922, no Rio de Janeiro, e publicado dois anos depois na revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Grifo meu.



Esse aspecto de evocações do passado e das tradições baianas, sintetizada na ideia de que a Bahia foi o berço da civilização brasileira, foi bem marcante em outros eventos de caráter mais reservado. Como tais eventos foram os mais frequentes e tiveram maior peso no cronograma, é possível dizer que tal evocação foi um traço relevante da visita.

### **Cerimônia no Carmo**

No dia do passeio de Bonaldi na estrada de Camaçari, realizou-se, pela tarde, uma cerimônia – insistentemente anunciada nos jornais por não ter sido prevista no cronograma da recepção –, também significativa do tom que se procurou dar à visita de Umberto. O evento – ideia enviada de Pedro Calmon, então um jovem bacharel em direito e secretário particular de Miguel Calmon, seu primo mais velho e padrinho –, consistia em depositar coroas de flores no túmulo do conde Bagnuolo, mercenário napolitano que lutou contra os holandeses na Bahia (1625) e em Pernambuco (1631 e 1641), morreu em Salvador e foi enterrado no interior da Igreja do Carmo, onde aconteceu a cerimônia. Nas palavras de Pedro Calmon, a cerimônia proporcionaria a exibição dos aspectos “incomparáveis” da velha arte colonial baiana e a homenagem a um herói de origem “italiana” que, ao defender a integridade da colônia portuguesa contra o domínio batavo, fora o primeiro elo de uma cadeia que estreitava a Itália e o Brasil. Ao final da cerimônia, ficava patente o desejo de reforçar a imagem da Bahia como “berço” nobre da nacionalidade brasileira e o conde Bagnuolo como precursor de Garibaldi, personagem resgatada pelos organizadores da visita no Rio de Janeiro.<sup>102</sup>

Quando Umberto veio a Salvador, em julho, o papel dos templos na evocação do passado baiano ficou patente nas visitas às igrejas de Salvador e ao IGHB, depositário de antigas relíquias e presumível guardião das tradições baianas.<sup>103</sup> Acompanhado, como de regra, por Gordilho e Bonaldi, o príncipe teria admirado a sacristia da Catedral Basílica. Já no Convento de São Francisco teve boa impressão de seus aspectos artísticos, especialmente dos azulejos que forravam o claustro. Na mesma tarde, Umberto visitou ainda a Igreja da Piedade e, já em setembro, a do Bonfim (mais o

---

<sup>102</sup> Telegrama enviado de Pedro Calmon para Góis Calmon. Sem data. n° 294. A Visita do Príncipe do Piemonte ao Brasil, na Bahia, e a homenagem do Instituto à memória de Bagnuoli. *Revisa do Instituto Geográfico Brasileiro*. n° 49. 1924. Sobre a relação de Pedro Calmon com os irmãos Calmon, ver: Calmon, Pedro. *Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

<sup>103</sup> Embora não haja espaço para desenvolver tal questão, cabe mencionar que o IGHB, assim como os seus congêneres em outros estados, encarregou-se, principalmente a partir da República, de criar uma identidade positiva para a elite baiana, a partir da inserção da Bahia num lugar especial na história e na geografia do país. Ver: Gome, Ângela Maria de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumento, 2009. P. 12-13.

convento e igreja do Carmo), onde, além de assistir missa, contemplou os painéis do teto e da sacristia do templo, atestado do gênio artístico do pintor baiano Antônio Joaquim Franco Velasco.<sup>104</sup>



17 – Visita realizada por membros da comitiva do *São Paulo* à Catedral Basílica, vendo-se presentes Penido, Badoglio, Pacheco, Góis Calmon, o intendente Joaquim Pinho e Gordilho. Salvador. 13 de setembro de 1924.

Badoglio e Pacheco também visitaram, em setembro, a Catedral Basílica e o Convento de São Francisco. Nota-se, inclusive, que o embaixador italiano mostrou interesse na arte colonial baiana após ver o mobiliário antigo disposto por Góis Calmon nos aposentos reservados para Umberto, no Palácio da Aclamação. Esse foi, aliás, outro aspecto das visitas que evocaram o passado baiano e deixou claros os termos em que se deu tal evocação.<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> Interessante observar que não houve visitas à Igreja da Sé, ainda existente em 1924, mas já alvo de polêmicas em torno da conveniência de sua demolição. *A Tarde*. “O Príncipe passeia na cidade.” 28/7/24. p. 1

<sup>105</sup> *A Tarde*. “Duas Pátrias que se aproximam na Bahia”. 12/9/24. p. 1



18 – Visita de Umberto à Igreja de Bonfim, onde rezou missa o monsenhor Pimentel. Veem-se, além do príncipe do Piemonte, Góis Calmon, Gordilho, Badoglio e Bonaldi. Uma linha e alguns guardas separam o príncipe e as autoridades das crianças, homens e mulheres do povo. Salvador. 14 de setembro de 1924.

### **Mobiliário nobre**

As peças reunidas por Góis Calmon no Palácio da Aclamação eram efetivamente abundantes, variadas e de grande valor artístico e histórico – não por acaso, compõem atualmente o acervo do Museu de Arte da Bahia –, o que foi atestado por fotografias e filmagens realizadas no interior dos aposentos. Enquanto na pinacoteca destacavam-se os quadros do jovem e aclamado pintor baiano Presciliano Silva, discípulo predileto de Manoel Lopes Rodrigues e visto como a “mais pujante floração artística do norte”,<sup>106</sup> a porcelana era composta de objetos oriundos da Europa e da China, datando a maioria dos séculos XVIII e XIX. Desses mesmos séculos vinham os exemplares do mobiliário, confeccionados em sua maioria em jacarandá e vinhático. Nas fotos e imagens da época, aparecem cadeiras do século XVIII, nas quais o rococó francês influenciou o estilo Dom José, dando aos móveis um estilo “gracioso” e “elegante”; mesas de encostar do mesmo período, mas no estilo Dom João V e onde foram expostas peças de porcelana, nichos, candelabros e esculturas religiosas; uma arca de noivos, especialmente decorada com

---

<sup>106</sup> França, Acácio. *A Pintura na Bahia. Diário Oficial do Estado: edição comemorativa ao centenário da Independência da Bahia* (fac-símile). Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2004. p. 144.

marfim; bufetes em estilo barroco e onde as famílias punham os pratos da refeição, antes de serem colocados nas mesas; preguiceiros e marquises em jacarandá e palhinha, vindas do século XIX e onde os senhores da antiga sociedade baiana descansavam após as refeições; um cravo de origem italiana e muitas outras peças.<sup>107</sup>

Por seu valor artístico e histórico, pela frequência com que foi notada nos registros iconográficos da época e principalmente pelo fim a que foi destinada, a peça mais importante da coleção era uma cama de dossel da segunda metade do século XVIII, em estilo Dom João V e considerada, ainda hoje, um dos mais ricos exemplares de todo o mobiliário brasileiro. O leito ostentava, “uma cabeceira de decoração verdadeiramente luxuriante: conchas, cartelas, volutas e folhagens compondo o grande ‘frontão’, arrematado por bilros e sustentado por colunas torneadas em espiral e balaústre”. As colunas do dossel eram decoradas por diferentes torneados, dispostos de modo alternado.<sup>108</sup> Esta preciosa peça da coleção do governador seria a cama do príncipe, caso ele aceitasse as hospedagens oficiais. Na tarde do dia 17, após retornar da cerimônia no Carmo, Umberto, num gesto significativo para a visita como um todo, descansou no leito que lhe fora cuidadosamente preparado. Era como se, assim, desse o sinal de que a Bahia, pela segurança que proporcionou aos seus hóspedes e pelo requinte dos seus anfitriões, fosse digna da visita de um príncipe.

Naturalmente, ao dispor no Palácio da Aclamação os objetos de sua coleção particular, o governador queria mais do que simplesmente mobiliar seus aposentos, no sentido prático da palavra, prova disso é que, mesmo após saber que o príncipe não aceitaria a hospedagem, Góis Calmon convidou Badoglio, Pacheco, Umberto e comitiva para apreciar os móveis e, claro, ouvir suas explicações sobre suas origens. Aquela exposição também era uma exposição do passado baiano aos visitantes, era mais um investimento no passado para promover a Bahia.

---

<sup>107</sup> Banco Safra. *O Museu de Arte da Bahia*. Banco Safra: São Paulo, 1997. p. 5, 293, 295, 304, 308, 319, 320.

<sup>108</sup> Banco Safra. *O Museu de Arte da Bahia*. p. 304.



19 – Cama de dossel em jacarandá, estilo Dom João V, da segunda metade do século XVIII. “Exemplar dos mais ricos do mobiliário brasileiro” e especialmente disposta na câmara reservada para o príncipe Umberto. Salvador. Setembro de 1924.

Não é preciso dizer que o ato de mobiliar o Palácio da Aclamação com tais móveis revela, mais do que outros eventos da recepção, a parcialidade com que o passado baiano foi evocado. Como a maior parte daquelas peças era do tipo “luxuoso”, ou seja, feita em madeiras nobres e cuidadosamente decorada, ela pertencera originalmente às famílias abastadas da antiga sociedade baiana e por isso revelava o cotidiano, os hábitos, os valores, o gosto, bem como a riqueza e o cosmopolitismo da velha aristocracia baiana, seus casarões e sobrados de pedra e cal, e não do passado baiano como um todo em sua complexidade social e principalmente étnica. Dizia muito sobre a conhecida opulência baiana, em seu aspecto de atestado de riqueza, de gosto e costume da elite de um povo.<sup>109</sup>

Isso pode ser estendido aos passeios na Estrada de Camaçari, na Baía de Todos os Santos e nas igrejas de Salvador. A visão dos engenhos e das capelas do Recôncavo, da arte e do luxo colonial das Igrejas e mesmo certa versão da história das lutas de 1823 pela Independência, ao destacar a antiguidade da colonização portuguesa na Bahia, a importância dos senhores de engenho na resistência aos portugueses, o catolicismo e gosto artístico da população, era outro modo de apreciar uma versão do passado em que a sua antiga classe dominante ganha toda o destaque, em detrimento dos outros grupos sociais.

Observando isso e tendo em mente que os eventos descritos acima tiveram maior peso nas recepções do que os de caráter aberto, é possível dizer que a imagem que os dirigentes tentaram passar da Bahia ao príncipe era a sua representação através da imagem idealizada do que a nobreza baiana fora no passado, sua religião, seu gosto artístico, seu papel nas lutas pela independência, o seu cotidiano doméstico, em família, e etc.

Outro momento em que esse traço das recepções ficou evidente foi no baile oferecido pelo governo do estado a Umberto di Savoia no dia do seu aniversário, 15 de setembro. Nesse mês, foram oferecidas a Umberto 4 recepções desse tipo. A primeira

---

<sup>109</sup> Flexor, Maria Helena. *Mobiliário Brasileiro – Bahia*. ESPADE. São Paulo, s/d. p. 25-27. Regina Abreu fez uma interessante análise antropológica dos objetos pertencentes ao ministro Miguel Calmon e foram, depois de sua morte, doados ao Museu Nacional, do Rio de Janeiro. Ver: Abreu, Regina. *A Fabricação do Imortal: história, memória, e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996. Sobre a opulência baiana e sua relação com a riqueza da Bahia, ver Matoso, Kátia. A opulência na província da Bahia. In: Alencastro, Luís Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. O ato de ter mobiliado o Aclamação em homenagem ao príncipe foi lembrado nas biografias de Góis Calmon, exatamente como um atestado do seu bom gosto. Ver: Barbosa, Mário Ferreira. *Em torno da Personalidade de um estadista*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1928; Peixoto, Afrânio Et alii (Org.). *Góis Calmon*. Rio de Janeiro: 1933.

foi um chá dançante oferecido na noite do dia 14 pela diretoria do Clube Baiano de Tênis na sede daquela associação – localizada na Graça – e contou com a presença das principais figuras da visita, além de Umberto: o governador Calmon, o ministro Pacheco, o embaixador italiano e os almirantes Bonaldi e Penido. Naquela noite, as bandas do *São Paulo* e do próprio clube tocaram o jazz, enquanto a banda do *São Giorgio* executou *O Guarany*, no que foi muito aplaudida.<sup>110</sup> No início da noite, os principais convidados se retiraram e se dirigiram ao Politeama Baiano, onde a Companhia Velasco, novamente, homenageou o príncipe com nova peça teatral. Outro evento da mesma natureza foi organizado no dia 16 na sede da Associação Atlética, onde Umberto e comitiva foram recebidos pela “mais fina sociedade, senhoras, senhorinhas e cavalheiros”.<sup>111</sup> No último dia da visita de Umberto, a colônia italiana ofereceu-lhe, também no Clube Baiano de Tênis, um *Garden Party*, o qual se destacou dos demais por contar com a execução de folguedos folclóricos nos intervalos de danças entre os convidados da festa.<sup>112</sup>

### **No Aclamação**

A maior recepção ocorreu, porém, no Palácio da Aclamação, no dia do aniversário de Umberto. O governador desde cedo a vinha preparando e temia que a recusa da hospedagem oficial, por parte de Umberto, implicasse seu cancelamento, o que não ocorreu.

---

<sup>110</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “O chá dançante no clube baiano de tênis”. 15/9/24. p. 7254.

<sup>111</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “Chá dançante da Associação Atlética”. 17/9/24. p. 7296.

<sup>112</sup> *Diário Oficial do Estado da Bahia*. “O ‘garden party’ da colônia italiana”. 18/9/24. p. 7330.



20 – Baile em honra do aniversário do príncipe e oferecido pelo Governo do Estado. Umberto aparece cercado pelas filhas e pela esposa do Governador Calmon, como se o fotógrafo tivesse de registrar o destaque da família Calmon na recepção de modo geral e no baile em específico. Vêem-se Siciliani, Artur Bernardes Filho, Pacheco, Maria dos Prazeres (Zeza) Calmon, Maria Julieta Calmon Villas Boas, Umberto, Julieta Calmon, Maria Amélia de Souza Calmon Teixeira (?), Góis Calmon, Bonaldi e o Almirante Penido.

Segundo o jornal *A Tarde*, na noite do dia 15, o Palácio tinha ares “majestosos”, cheio de luzes elétricas em sua fachada, com um grande escudo italiano no jardim frontal e uma bandeira italiana em seus jardins, ambos também coloridos por diversas luzes. Os automóveis, trazendo os convidados, passavam entre as alas de curiosos que se aglomeravam em frente do prédio (e detrás dos cordões) e estacionavam adiante, onde desciam mulheres em capas e homens em vistosas casacas pretas. O *Diário de Notícias* já havia publicado que era absolutamente exigido dos convidados, à porta do Aclamação, o traje de rigor, opinando “que nem se compreenderia que não fosse obrigatória (...) a casaca ou as vestes diplomáticas dos representantes estrangeiros”.<sup>113</sup>

À porta do edifício, grupos de oficiais da polícia, acompanhados de membros do gabinete do governador e da família Calmon recebiam os convidados que chegavam, oferecendo o braço às damas. No interior do edifício, no salão de festas, o cenário, segundo o jornalista, não era menos deslumbrante graças às luzes e à policromia movediça causada pela decoração do teto e das paredes do Palácio, pelos vestidos as

<sup>113</sup> *Diário de Notícias*. “Governo e povo da Bahia comemoram a data natalícia de S.A.R o príncipe Umberto”. 15/9/24. p. 1.



fardas dos convidados, destacando-se, em meio a todos, Umberto, constantemente apresentado às senhoras do salão pela esposa do governador, Julieta Maia de Góis Calmon, que, como uma verdadeira dama dos salões imperiais, presidia o evento. Em outras ocasiões, eram as filhas do governador, principalmente as senhoritas Maria Constança e Maria dos Prazeres, que ofereciam ao príncipe sorvetes e outros doces de uma mesa “ricamente decorada”. Nos jardins do edifício, “um sem número de mesinhas e um número triplicando de convivas em torno delas, fazendo honras do bufê. Bebe-se champanhe sem ruídos...” Contemplando todas essas cenas, o observador concluiu que a recepção que o governo do estado oferecia à sociedade baiana e em honra do aniversário do príncipe “ia-se caracterizando como a solenidade principal de um programa improvisado para despertar de um passado secular os forais de capital de um vasto império que, outrora, brasonaram a Bahia”.<sup>114</sup> A imagem criada pelo jornalista do *A Tarde* lembra a descrição feita por Wanderley Pinho em *Salões e Damas do Segundo Reinado*, dos bailes do período imperial, o que, mais uma vez, revela o tom que o governador Calmon e seus auxiliares deram à recepção a Umberto.

---

<sup>114</sup> *A Tarde*. A Recepção no Aclamação. 16/9/24. p. 1. O baile oferecido por Góis Calmon, principalmente na descrição do *A Tarde*, lembra os antigos salões imperiais na maneira como foram descritos por Wanderley Pinho (futuro genro de Góis Calmon) em *Salões e Damas do Segundo Reinado*, obra citada em nota anterior, o que

## Conclusão

Essa monografia teve três partes: na primeira, foi indicada a circunstância em que se deu a excursão de Umberto pela América do Sul; a segunda procurou mostrar como os acontecimentos políticos do ano de 1924, tanto na Bahia quando no Rio de Janeiro e em São Paulo, resultaram na transferência da recepção para Salvador; e finalmente uma terceira em que tentou-se mostrar os aspectos relevantes das festas então realizadas na Bahia.

De fato, o segundo capítulo de um lado e os dois últimos de outro tentaram discutir, respectivamente, o destaque que a Bahia teve no início dos anos 20 e o tipo de representação que para o estado as suas elites traçaram no momento de grande visibilidade diante das autoridades nacionais. Esses dois aspectos estão inter-ligados e mostram porque a vinda de Umberto é um objeto digno de um estudo, mesmo que apenas monográfico.

Na primeira discussão, deve-se notar que, de modo geral, a transferência da visita para Salvador em si já foi um momento de destaque, mesmo sem se considerar os motivos que levaram a essa decisão. Por um breve período de tempo, as autoridades brasileiras descansaram os olhos da situação de crise política vivida pelo país e assistiram às festas que os baianos, em Salvador, deram a Umberto. Para isso, conforme visto acima, foi fundamental a imprensa, tanto a soteropolitana, quando a do interior do estado e do próprio sul do Brasil. Através da filial da Agência Americana em Salvador, a versão oficial dos acontecimentos em Salvador chegava com relativa rapidez ao Rio de Janeiro e mesmo na Europa, especialmente em Roma.<sup>115</sup> O mesmo seja dito do envio de representantes da imprensa do sul, como os fotógrafos da *Revista da Semana*, editada no Rio, e dos cinegrafistas da Botelho Film, cujos trabalhos contribuíram para uma maior divulgação da visita em outras cidades. O próprio telégrafo foi constantemente empregado pelas autoridades e instituições do Rio de Janeiro para felicitar Umberto, Bonaldi e os participantes das festas. É o caso, por exemplo, dos vários telegramas trocados entre Artur Bernardes e Góis Calmon e envio de boas vindas a Umberto pelo Senado Federal, a pedido do senador mato-grossense Antônio Azeredo.

Entretanto, é a razão da transferência que torna a visita de Umberto tão significativa, isso pelo fato de ela ter destacado, na política dos estados do federalismo

---

<sup>115</sup> *Revista Esphera*. Ano 1, n 38. Ano 1. Setembro de 1924. p. 28.

republicano, como o estado da Bahia e suas elites, por um lado, e o Catete, seus poderoso aliados mineiros e paulistas, por outro, caminhavam em sentido oposto, embora o primeiro fosse aliado dos três últimos. Conforme visto, foi a capacidade de reação dos dirigentes baianos diante das revoltas em São Paulo e outros estados, cerceando os elementos da oposição seabrista, enviando um destacamento para sufocar um foco de revolta no vizinho estado de Sergipe e até demonstrando solidariedade ao poder central, que o estado passou ao presidente da República a confiança de que poderia receber o príncipe em Salvador. Capacidade de reação essa que foi possível graças à relativa união entre os que, havia alguns meses, dividiam o poder político no estado. E é exatamente essa união entre as elites que melhor projetava o estado no cenário nacional ao passo que o diferenciava do comportamento do Catete e seus aliados, os quais, por sua vez, eram incapazes de acomodar a oposição que vinha crescendo desde o final da Grande Guerra e do governo Epitácio.

Comparando-se esse novo contexto da política baiana com a história política da Bahia na maior parte da I República, revela-se outra face da visita de Umberto, talvez a mais importante, isto é, a de sugerir uma nova fase na história política da Bahia republicana: a que vai de 1924 a 1930. Uma fase que se caracterizou por uma maior unidade entre as facções que controlavam politicamente o estado e em que, graças a essa unidade, as elites baianas tiveram maior projeção no contexto da política dos estados.

Daí a importância de observar o que os baianos disseram de si quantos todos olhavam para eles, o que se tentou fazer nos dois últimos capítulos. Em primeiro lugar, observou-se que eles evitaram a construção de um cronograma de festas que expusesse demasiadamente o príncipe ao povo das ruas e vice-versa. Por um lado, isso pode ser explicado, além da presença de destacadas autoridades brasileiras e estrangeiras, pela conjuntura de relativa intranquilidade política que ainda se vivia, quando fazia pouco tempo os rebeldes haviam sido derrotados em São Paulo, mas a situação no Paraná, no Rio Grande do Sul e na própria capital federal ainda era de anormalidade.

A elaboração de um cronograma eminentemente pautado em festas e eventos particulares, fechados, nos quais apenas a imprensa e um seleto grupo da elite local teve acesso, também se explica pelo desconforto que as condições sociais e étnicas de grande parte da população de Salvador causavam nas elites baianas. Diante de uma visita que elevaria “os créditos de civilização” dos baianos, não ficava bem, segundo os ditamos do racismo da época, expor o príncipe às cenas de rua que já naquela época inspiravam

amigos e difamadores a ver a Bahia representada como uma *mulata velha* a vender doces nas ruas. Ao invés disso, foi sob o abrigo dos elegantes clubes de elite do estado, do Palácio da Aclamação e das “suntuosas” igrejas da capital que os baianos mostraram ao príncipe o que era a Bahia: como sugerido acima, não a indesejável *mulata velha* de Aloísio de Carvalho Filho, mas uma dama aristocrática (e branca), que tendo nome, cultura, passado e tradição, era digna de uma recepção principesca, mesmo que ainda não fosse mais tão rica quanto no passado. Ao mesmo tempo, ao representar a Bahia como um espelho idealizado do que a elite baiana fora no passado, os baianos também lembravam aos brasileiros a importância de sua terra, dos seus antepassados na história do Brasil e, até nisso, davam a entender que o estado, de certa forma, voltava, naquele momento, a desfrutar de um maior prestígio no contexto nacional.<sup>116</sup>

Em outras palavras era como se as elites da Bahia, ainda que sem os atestados do progresso material burguês republicano tão festejado no Rio de Janeiro e em São Paulo, quisessem dar provas de sua vitalidade política e social, apesar da simplicidade do meio. Se por um lado, foi na intimidade do Palácio da Aclamação, dos clubes e do teatro da cidade que os baianos ritualizaram a hospitalidade, quer dizer, o “requisite”, a “distinção”, a “lhanza no trato”, a “fidalguia”, enfim, a “honra” que os tornariam dignos de um príncipe, a cidade de Salvador com sua arquitetura colonial e imperial não evocava, especialmente nos anos 20, necessariamente imagens depreciativas, muito pelo contrário: “cidade voltada às letras e à tradição, recordava as velhas metrópoles universitárias, seculares, do Velho Mundo, nas quais o passado deixou indelével o selo do prestígio.” Quem fez tais observações, publicadas na *Gazeta de Notícias*, notou que a Umberto não seriam indiferentes “a superioridade de espírito, a cultura e a distinção pessoal dos homens com quem esteve em contato” na Bahia, especialmente de Góis Calmon, que “confirmava as tradições aristocráticas da sociedade brasileira, dando com sua finura de trato, apuro e gosto ao conjunto de sua personalidade oficial ou mundana uma demonstração honrosa de nossa inteligência.” Ao final do texto, assegura que o

---

<sup>116</sup> Sobre o incômodo que a associação da Bahia com a imagem de um *mulata velha* quituteira provocava em certos círculos da elite baiana, ver Albuquerque, Wlamyra Ribeiro. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. Em sua dissertação de mestrado, Mariele Araújo indicou como o problema da raça na história do Brasil foi encarado por um dos membros mais proeminentes da família Calmon: o historiador Pedro Calmon. Ver: Araújo, Mariele. *A Medida das Raças na Mistura Imperfeita*. Dissertação de mestrado (UFBA). 2006. É instrutivo comparar tais percepções com aquelas de grupos de sambistas negros atuantes no Rio de Janeiro, os quais de modo, na maioria das vezes “bem intencionados”, também associavam a imagem da Bahia com o negro. Ver: Cunha, M. C. P. Acontece que sou baiano: identidades em Santana – Rio de Janeiro no início do século 20. In: Sidney Chalhoub. Et. alii. (org.). *Trabalhadores na Cidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

governo federal “deve estar satisfeito com a Bahia, hospedando seu chanceler, festejando com simplicidade, mas com elegância, o régio e querido visitante, que nos trazia as saudações cordiais espontâneas de um dos povos mais gloriosos da terra”.<sup>117</sup>

Com isso e para concluir, cabe indicar algo que ficou implícito na descrição das festas no último capítulo, principalmente no final. É possível dizer, observando certos detalhes das recepções, sobretudo o último evento descrito, que se a Bahia fora representada na recepção por uma idealização do que sua antiga aristocracia fora no passado, a família Calmon parece ter interpretado o papel dessa aristocracia, sobretudo nas recepções. Para além do fato de que o casal Góis Calmon e Julieta Maia eram descendentes de duas tradicionais famílias de Salvador e do Recôncavo, conta a favor dessa possibilidade a constante referência à inteligência e à cultura de Góis Calmon, evocada principalmente no momento em que o mesmo expõe seus móveis aos visitantes, e à maneira *nobre* com que a primeira dama e suas filhas (sobretudo Constança e Maria dos Prazeres Calmon) receberam os ilustres visitantes da Bahia.<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup> *Diário de Notícias*. 27/9/24. O jornal publica um texto veiculado no Rio pela *Gazeta de Notícias*.

<sup>118</sup> Algumas fotografias listadas nesse trabalho contam a favor dessa hipótese. Na primeira (nº 8), batida no primeiro jantar oferecido no dia 11 às autoridades do *São Paulo*, aparecem, sentados, os convidados mais ilustres. Ao centro da fotografia, aparece a primeira dama ladeada pelo ministro do Exterior (representante do Governo Federal) e o embaixador Badoglio (representante da Itália). Em pé e também ladeando Julieta, aparecem Tança e Zeza Calmon. Na segunda, nº 16, festa de aniversário do príncipe no Aclamação, mais uma vez as filhas e a esposa do Governador posam ao lado do principal convidado.

# Lista de Arquivos e Sites Visitados

## **Academia de Letras da Bahia**

Arquivo

Biblioteca

## **Arquivo Público do Estado da Bahia**

Fundo Góis Calmon

## **Arquivo Público do Estado de São Paulo**

Acervo Digitalizado

## **Arquivo Público Mineiro**

Fundo Artur Bernardes

## **Biblioteca Pública do Estado da Bahia**

Centro de Memória da Bahia

Setor de Periódicos Raros

## **Cinemateca Brasileira**

## **Site da Biblioteca Nacional**

Hemeroteca Digital

## **Site JusBrasil**

Diário Oficial da União

## **Site do Jornal ABC (Madrid)**

Hemeroteca Digital

# Lista de Fontes

## **Jornais**

*A Tarde* (Salvador)

*Diário da Bahia* (Salvador)

*Diário de Notícias* (Salvador)

*Diário Oficial do Estado da Bahia* (Salvador)

*O Democrata* (Salvador)

*O Imparcial* (Salvador)

## **Revistas Ilustradas**

*Careta* (Rio de Janeiro)

*Ilustração Brasileira* (Rio de Janeiro)

*O Malho* (Rio de Janeiro)

*Revista Esphera* (Salvador)

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Salvador)

*Revista da Semana* (Rio de Janeiro)

# Lista de Ilustrações

1 – Rei da Itália Vittorio Emanuele III.....	15
2 – Umberto di Savoia.....	15
3 – Rainha da Itália Elena de Montenegro e seus filhos.....	21
4 – Capa da <i>Revista da Semana</i> de 12 de julho de 1924.....	21
5 – Tripulação a bordo do <i>São Paulo</i> no porto do Rio de Janeiro.....	41
6 – Tripulação a bordo do <i>São Paulo</i> em viagem à Bahia.....	42
7 – Tripulação em frente aos canhões do <i>São Paulo</i> .....	44
8 – Luta de boxe a bordo do <i>São Paulo</i> .....	45
9 – Cônsul Joaquim Eulálio e tenente Alves a bordo do <i>São Paulo</i> .....	46
10 – Autoridades da Bahia recebem tripulação do <i>São Paulo</i> .....	52
11 – Jantar oferecido pelo governo da Bahia aos hóspedes do <i>São Paulo</i> .....	53
12 – Desembarque de Umberto di Savoia.....	56
13 – Cortejo de automóveis encaminha-se à Cidade Alta.....	57
14 – Autoridades estacionam em frente ao Cristo.....	58
15 – Recepção a Umberto di Savoia no Círculo Italiano.....	59
16 – Passeio na Baía de Todos os Santos.....	66
17 – Visita das autoridades baianas e italianas à Catedral Basílica.....	69
18 – Visita de Umberto di Savoia à Igreja do Bonfim.....	70
19 – Leito preparado para Umberto di Savoia.....	72
20 – Baile no Aclamação em homenagem a Umberto di Savoia.....	20



# Bibliografia

- Abreu, Regina. *A Fabricação do Imortal: história, memória, e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.
- Albuquerque, Wlamyra Ribeiro. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- Araújo, Mariele. *A Medida das Raças na Mistura Imperfeita*. Dissertação de mestrado (UFBA). 2006.
- Banco Safra. *O Museu de Arte da Bahia*. Banco Safra: São Paulo, 1997.
- Barbosa, Mário Ferreira. *Em torno da Personalidade de um estadista*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1928
- Bertonha, João Fábio. O Brasil, os imigrantes e a política externa fascista, 1922-1943. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 40, n. 2, p. 106-130, 1997.
- Bertonha, João Fábio. Um Imperialismo dos Pobres: o Império Italiano da Era Liberal ao Fascismo. In: SILVA, Francisco Ricardo Teixeira da Silva et. alii. *Impérios na História*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2009.
- Calasans, José. *Miguel Calmon Sobrinho e sua época*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal, 1991.
- Calmon, Pedro. *Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- Calmon, Pedro. *Miguel Calmon: uma grande vida*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 198.
- Caulfield, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp. 2000. p. 112.
- Cunha, M. C. P. Acontece que sou baiano: identidades em Santana – Rio de Janeiro no início do século 20. In: Sidney Chalhoub. Et. alii. (org.). *Trabalhadores na Cidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- Flexor, Maria Helena. *Mobiliário Brasileiro – Bahia*. ESPADE. São Paulo, s/d.
- Gome, Ângela Maria de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumento, 2009. P. 12-13.

- Jancsó, István. As Exportações da Bahia Durante A República Velha. In: Frederic Mauro (org.), *L'Histoire quantitative du Brésil de 1800 a 1930*. Paris, CNRS, 1973, p. 335-359.
- Kossoy, Boris, *Fotografia & História*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- Magalhães, Bruno. *Artur Bernardes: estadista da República*. Rio de Janeiro: 1973.
- Maynard, Andreza Santos Cruz. O mistério conduz à audácia: antecedentes da revolta de 13 de julho de 1924 em Sergipe. *Ponta de Lança*, Aracajú, vol. 2. 1-19.
- Matoso, Kátia. A opulência na província da Bahia. In: Alencastro, Luís Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Peixoto, Afrânio Et alii (Org.). *Góis Calmon*. Rio de Janeiro: 1933.
- Pang, Eul-Soo Pang, *Coronelismo e Oligarquias 1889-1934*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979. op. cit., p. 194.
- Rocha, Carlos Eugênio da. O Mobiliário Antigo na Bahia: a Bahia e o Recôncavo 2. Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho. Salvador: 1973.
- Sampaio, Consuelo Novais, *Partidos políticos na Bahia da Primeira República*. Salvador, Editora da Ufba, 1998, p. 177.
- Sarmiento, Silvia. *A Raposa e a águia*. Salvador: Edufba, 2011.
- Tavares, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: Edufba e São Paulo: Ed. da Unesp,
- Viscardi, Cláudia. Federalismo oligárquico com sotaque mineiro. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Vol. 42. Nº 1. 2006.
- Viscardi, Cláudia. *O teatro das oligarquias*. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 2001.